



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

A Hora do Conto no Jardim de Infância

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para a obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

De:

Joana Vasconcelos Fernandes Tato

Sob Orientação:

Dr.^a Maria Marta Duarte Martins

Coorientação:

Doutora Joana D' Arc de Mendonça Cavalcanti

junho, 2017

A escola da poesia
tem muitos livros num livro
que se conhece à distância,
pois é nele que se guardam
os mistérios da infância.

José Jorge Letria

Resumo

O presente relatório de investigação, com a temática “A Hora do Conto no Jardim de Infância”, surge com o objetivo de refletirmos sobre a importância atribuída à Hora do Conto na Educação Pré-Escolar. Assim, escolhemos realizar um estudo sobre os recursos e as estratégias que os educadores utilizam para dinamizarem a Hora do Conto. Através deste estudo, pretendemos identificar e analisar o papel e a importância das histórias neste contexto.

Com esta investigação, pretendemos explorar os comportamentos dos educadores na dinamização da Hora do Conto, como também mencionar não só as estratégias, mas também os recursos que os educadores utilizam para aproximar as crianças das histórias.

A metodologia adotada para a execução da componente empírica deste processo investigativo é de natureza mista, uma vez que assenta numa tipologia de investigação quantitativa e qualitativa. Como instrumentos de investigação foram utilizados: registos; uma entrevista semi-estruturada às crianças da sala dos 4 anos; uma entrevista semi-estruturada às educadoras da instituição, das salas dos 3, 4 e 5 anos; e um inquérito por questionário a educadores com grupo atribuído.

Este estudo vem demonstrar que ainda há uma insuficiência de estratégias e recursos mobilizados na dinamização da Hora do Conto nos jardins de infância, e quando é feito um esforço dos educadores nesse sentido, os resultados obtidos apontam para uma melhoria no desenvolvimento das crianças.

Desejamos que a nossa investigação leve os educadores a refletirem sobre as suas práticas na dinamização da Hora do Conto, contribuindo para uma mudança nas suas atitudes e que suscite nos educadores a vontade de investirem na Hora do Conto, pois estamos convictos de que esta experiência promoverá a qualidade da profissionalidade docente no jardim de infância, como constituirá uma mais-valia para o desenvolvimento das crianças. Desta forma, gostaríamos ter contribuído para que os educadores, os pais e os familiares tomassem consciência do valor e do contributo das histórias para o desenvolvimento integral da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura para a Infância, Educação Pré-Escolar, Hora do Conto, recursos, estratégias

Abstract

The present investigation report, with the thematic “The Story time in preschool”, comes with the goal of reflecting about the importance given to story time in preschool education. So, we chose to study about the resources and strategies that educators use to give dynamic to Story time in preschool. With these casestudy, we want to identify and analyse the role and importance of stories in these context.

With these investigation, we wish to explore the behaviours of educators in the dynamic in The Story time, aswell to mention not only strategies, but also the resources that educators use to get children used to stories.

The methodology used to execute the empirical component of these process is mixed nature, since it focus in an quantity and quality type of investigation. The investigation tools used were: registers; a semi-structured interview with childs, from the 4 year-old classroom; a semi-structured interview with educators from 3, 4 and 5 year-old classroom; and an survey be questionnaire with an atributed group.

These study shows that there are not enough strategies and resources used in the dynamic of The Story Time in preschool and when na effort is made by theachers in these contexto, the results show a developement in children.

We wish that our investigation can take the educators to think about their practices in the dynamic of The Story Time, helping in a change in their attitudes and to reveal in educators the will to invest in The Story Time, because were sure that this experience will promote the quality of professionalism in preschool as na added value to the development of children. So, we would like to add something so that educators, parents and family members gain conscience of the value of stories to the integral development of children.

Keywords: Literature for Children, Preschool Education, Story Time, Resources, Strategies

Agradecimentos

A vida é uma longa viagem e ao chegar ao final desta etapa tão marcante na minha vida, torna-se fundamental agradecer a todos aqueles que me auxiliaram ao longo deste percurso, caminhando comigo no mesmo sentido.

Primeiramente, agradeço à professora Marta Martins, por ter aceite o desafio de me ajudar neste percurso, por todo o saber partilhado, pela sua orientação e acompanhamento neste trabalho e pela exigência e rigor exigidos que possibilitaram aprendizagens fundamentais para o meu futuro. Por me fazer crescer e acreditar que conseguiria ir mais longe, mostrando-me o lado prático das coisas.

À professora Joana Cavalcanti pela partilha de saberes e por me ter despertado a atenção para o interesse deste tema.

Ao meu pai, que gostaria de me ver a culminar esta grande etapa da minha vida.

À minha mãe, irmã e irmão pelo apoio incondicional, por acreditarem em mim, por todo o apoio constante, o carinho e o encorajamento no prosseguir desta viagem. Agradeço por serem um exemplo de vida, de motivação e de me mostrarem todos os dias o verdadeiro significado de uma família unida.

Ao meu namorado, melhor amigo, por estar sempre ao meu lado e por todo o amor. Agradeço por todo o carinho e apoio em momentos árduos, por me fazeres acreditar que sou capaz e ajudares-me a ultrapassar todas as barreiras surgidas, pelo sorriso, por todos os conselhos dados e, por nunca teres deixado de acreditar em mim.

À Patrícia Silva por ter estado presente nas etapas mais significativas desta minha jornada, pelo auxílio e dedicação ao longo do meu percurso académico, pelas alegrias partilhadas e por me fazer acreditar que os amigos de faculdade são para a vida.

À Cláudia Andrade, Filipa Novais e Joana Moutinho, por me terem acompanhado neste caminho, por todo o apoio, a entreajuda, as conversa, as gargalhadas e pela amizade.

Às crianças, pelo carinho e alegrias que me proporcionaram.

À educadora e auxiliar da sala onde estagiei, por me terem apoiado e acompanhado nesta caminhada.

Um agradecimento muito especial a todos que contribuíram para o culminar desta longa caminhada, percorrida com muito esforço e dedicação.

Índice	
Resumo	i
Abstract.....	ii
Agradecimentos	iii
Índice de Fotografias	vi
Índice de Gráfico	vi
Lista de Acrónimos e Siglas	vii
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I - Enquadramento Teórico	3
1. Literatura para a infância e o desenvolvimento infantil	3
1.1. A importância da Literatura para a infância no desenvolvimento da criança, na Educação Pré-Escolar	3
1.2. Promoção e mediação da leitura na Educação Pré-Escolar.....	6
1.3. O Educador como mediador de leitura.....	9
2. A Criança, a Leitura e a Família	10
2.1. Importância da família no despertar do gosto pela leitura.....	10
3. Práticas de atividades de leitura.....	12
3.1. No jardim-de-infância.....	12
3.2. Na família.....	20
3.2.1. Projeto “Quem conta um conto...”	21
3.2.2. Projeto “A Manta que conta histórias”	21
CAPÍTULO II – Intervenção educativa	23
4.1. Contexto da investigação.....	23
4.1.1. Caracterização das famílias.....	27
4.1.2. Caracterização do grupo.....	30
CAPÍTULO III – Metodologia de Investigação.....	33
5.1.Problemática.....	33
5.1.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados	35
CAPÍTULO IV – Apresentação e discussão dos dados de investigação.....	38
6.1. Participantes na investigação.....	38
6.1.1 Apresentação dos dados recolhidos nas entrevistas	38
6.1.2. Apresentação dos dados recolhidos, através do inquérito por questionário	45
6.1.3. Análise dos dados recolhidos	53
6.2. Considerações Finais	60
Referências Bibliográficas	63
Sitografia	65

Anexos	66
Anexo I: Rotina do grupo	
Anexo II: Grelhas de observação da Hora do Conto	
Anexo III: Registo Fotográfico	
Anexo IV: Registos de observações	
Anexo V: Registos - portefólios de crianças	
Anexo VI: Entrevista das crianças	
Anexo VII: Entrevista às educadoras da instituição	
Anexo VIII: Inquérito por questionário	

Índice de Fotografias

Figura 1: Hora do Conto - “A manta. Uma história aos quadradinhos (de tecido)”, de Isabel Minhós Martins	17
Figura 2: Hora do Conto - “O coelhinho Branco”, de António Torrado.....	18
Figura 3: Reconto da história: "O Porquinho Vítor", de Jorge Amaro e Luís Valente	19
Figura 4: Hora do Conto- "A galinha medrosa", de António Mota	19
Figura 5: Depois de partilhar a história com os colegas JR, cola o seu retalho na manta	22
Figura 6: Teia do projeto	23

Índice de Gráfico

Gráfico 1 - Idade dos pais.....	28
Gráfico 2 –Habilitações académicas dos pais	28
Gráfico 3 - Profissão dos pais.....	29
Gráfico 4 - Número de irmãos.....	29
Gráfico 5 - Interesse das crianças pelas histórias	40
Gráfico 6 - Preferência com que as crianças gostam de ouvir histórias	40
Gráfico 7 - Contexto das histórias	41
Gráfico 8 - Recursos preferidos pelas crianças	41
Gráfico 9 - Distribuição dos inquiridos por idade.....	46
Gráfico 10 - Habilitações académicas dos inquiridos	46
Gráfico 11 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o tempo de serviço	47
Gráfico 12 - Distribuição dos inquiridos de acordo com a frequência com que dinamizam a Hora do Conto.....	47
Gráfico 13 - Distribuição dos inquiridos conforme contam histórias	48
Gráfico 14 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o espaço utilizado para dinamizar a Hora do Conto.....	48
Gráfico 15 - Distribuição dos inquiridos em relação ao contexto em que contam histórias	49
Gráfico 16 - Recursos utilizados pelos inquiridos	49
Gráfico 17 - Recurso mais utilizado para contar histórias	50

Índice de Tabelas

Tabela 1 - Questões orientadoras das entrevistas elaboradas às crianças	39
Tabela 2 - Estratégias identificadas pelos inquiridos no momento da Hora do Conto	51
Tabela 3 - Critérios usados pelos inquiridos para a escolha dos livros	52

Lista de Acrónimos e Siglas

E: Entrevistado

EE: Entrevista Educadora

EPE: Educação Pré-Escolar

OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico

OCEP: Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PAA: Plano Anual de Atividades

PE: Projeto Educativo

PISA: Programme for International Student Assessment

PNL: Plano Nacional de Leitura

PRBE: Programa da Rede de Bibliotecas Escolares

RI: Regulamento Interno

INTRODUÇÃO

O presente relatório de estágio surge no âmbito de Prática de Ensino Supervisionada para a obtenção do grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, pela Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. A sua concretização visa o trabalho investigativo, com a temática “A Hora do Conto no Jardim de Infância”.

A escolha desta temática recai no facto de considerarmos que a Hora do Conto e as histórias desempenham um papel fundamental na vida da criança, contribuindo para o desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança. Assim, é nosso objetivo reforçar a importância da Hora do Conto e das histórias no jardim de infância, para o desenvolvimento global da criança, bem como investigar os recursos e as estratégias que os educadores utilizam durante a animação da Hora do Conto.

Este relatório, formalmente, está estruturado em quatro capítulos: *Enquadramento Teórico*, *Intervenção Educativa*, *Metodologia de Investigação* e *Apresentação e discussão dos dados de investigação*.

No primeiro capítulo, *Enquadramento Teórico*, abordamos alguns temas ligados à literatura para a infância e à Hora do Conto, refletindo sobre o papel do educador como mediador de leitura, quer no Jardim de Infância, quer junto da família.

No segundo capítulo, *Intervenção Educativa*, apresentamos a caracterização do contexto educativo, do grupo e das famílias, em que decorreu a prática pedagógica.

No terceiro capítulo, *Metodologia de Investigação*, expomos a problemática em estudo, bem como a metodologia utilizada. Além disso, analisamos as técnicas e os instrumentos usados na recolha de dados.

No quarto capítulo, *Apresentação e discussão dos dados de investigação*, referimos quem são os participantes nesta investigação, efetuamos a análise dos dados recolhidos e apresentamos as considerações finais.

Nas considerações finais, damos conta dos resultados obtidos neste estudo sobre o papel primordial das histórias no jardim de infância e o papel do educador como mediador de leitura e, a partir dos resultados obtidos pela nossa investigação, referimos também a insuficiência de estratégias e recursos mobilizados na dinamização da Hora do Conto dos jardins de infância, insuficiência essa que o nosso trabalho procurou colmatar

com os resultados positivos que assinalamos. Constatámos, assim, que se existir um esforço e um investimento por parte dos educadores na dinamização da Hora do Conto, os resultados obtidos refletirão uma melhoria no desenvolvimento das crianças. Assim, gostávamos que a nossa investigação contribuísse para uma mudança nas atitudes dos educadores face ao investimento na dinamização da Hora do Conto.

CAPÍTULO I - Enquadramento Teórico

1. Literatura para a infância e o desenvolvimento infantil

A Literatura para a infância “sólo puede surgir a partir del momento em que se empiece a considerar al niño como ser con entidad propia” (Cervera, 1992, p. 38), assim, com ajuda da legitimação da criança como um público específico, nos finais do século XVIII, consolida-se um conceito mais específico do que seja a infância. Daí, a literatura para a infância começa a ser valorizada, essencialmente, a partir deste século. Assim, com a revolução industrial, a literatura para a infância expande-se, surgindo a preocupação de “creación de instrumentos de animación a la lectura que constituyen clásicos de lá intervención (tales como la “hora del cuento” o las guías bibliográficas de lectura) y en producción de una reflexión importante sobre los criterios de selección de los libros” (Colomer, 1998, p. 24). Neste sentido, a literatura começa também a ser valorizada no desenvolvimento da criança.

1.1. A importância da Literatura para a infância no desenvolvimento da criança, na Educação Pré-Escolar

A literatura para a infância teve as suas raízes históricas na tradição oral e folclórica. Logo, antes do desenvolvimento da escrita, já vários povos produziam importantes tradições orais. A literatura tradicional oral é um conjunto das manifestações culturais de expressão literária, transmitida oralmente, de geração em geração; normalmente o seu autor é desconhecido e o texto está sujeito a alterações e evoluções de acordo com os desejos e necessidades da comunidade (Bastos, 1999).

A vontade de contar histórias deve ter nascido no homem no momento em que ele sentiu necessidade de comunicar com os outros as experiências que eram importantes e que poderiam ter significado.

A literatura para a infância permite à criança entrar em “terras e mundos insondáveis, de construir e explorar mundos imaginários e simbólicos, que se revelam fundamentais na consolidação da sua personalidade” (Couto, 2003, p. 209). A criança desde cedo deixa-se levar pelo mundo da fantasia, através das histórias.

Por sua vez, a literatura para a infância possibilita à criança o contacto desde cedo com os livros, para “que a narrativa oral tem sua representação na escrita e em outras formas de expressão” (Cavalcanti, 2002, p. 72) e contribui para a criação de hábitos de leitura. Neste sentido, a criança ao ter o contacto com os livros, na Educação Pré-Escolar (EPE), relaciona a história ouvida com o escrito, através do livro.

De acordo com a autora acima referida, a literatura permite à criança a criação de um ambiente imaginário, uma vez que trabalha “diretamente com elementos do imaginário, do maravilhoso e do poético. Amplia o universo mágico, transreal da criança para que esta se torne um adulto mais criativo, integrado e feliz” (Idem, p. 39). Desta forma, as histórias proporcionam à criança momentos de prazer, através do jogo simbólico, estabelecendo uma ponte entre o real e o imaginário.

As OCEPE (Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar) salientam a necessidade de uma relação precoce entre as crianças e a leitura, uma vez que é necessário “desenvolver a expressão e comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação estética e de compreensão do mundo” (Ministério da Educação e Ciência, OCEPE, 1997, p.15). Assim, na EPE, a criança deve ser estimulada na interação verbal, no ensino do vocabulário. A educadora deve encorajar conversas sobre livros, através da exploração de imagens alusivas a uma história. Também deve promover atividades a partir de lengalengas, cantigas e rimas, explorando regularidades rítmicas de palavras conhecidas, com o objetivo de desenvolver o gosto pela dimensão estética da língua e, conseqüentemente, pela comunicação linguística, quer oral, quer escrita, bem como por ouvir contar histórias.

É natural que alguns dos pequenos leitores, não se interessem espontaneamente pelos livros, mas com a mediação e motivação de um adulto, o seu interesse pode e deve modificar-se. É importante fazer com que as crianças nas sessões de leitura se entusiasmem e vivenciem o momento de exploração do livro, que se sintam fascinadas com o livro escolhido, uma vez que, “o livro tem que nos seduzir para aceitarmos desvendá-lo” (Martins, 2009, citado por Viana & Martins, 2009, p. 32), daí ser fundamental motivar para a leitura, através do lúdico, do prazer e da descoberta, para que as crianças se deslumbrem. Nesta perspectiva, é fundamental motivar a leitura nos primeiros anos das crianças, para que estas possam adquirir hábitos de leitura, estimular a imaginação, para que tenham um vocabulário mais rico, e mais tarde uma melhor expressão escrita e oral. E, sobretudo, para que possam conhecer melhor os seus

sentimentos e emoções, bem como dos que a rodeiam, para que as interações interpessoais e o respeito pela diferença se possam manifestar com mais qualidade.

No encontro entre a criança, o livro e a leitura revela-se fundamental o papel desempenhado pela escola, na medida em que esta deve proporcionar o contacto com os livros, em complementaridade com a família. Corcoran & Evans (1987, citado por Colomer, 1998, p. 75) apresenta-nos quatro fases, pelas quais passa o leitor com o livro. Na primeira fase, *Figuración e imaginación*, o leitor imagina os acontecimentos narrados, o que permite “construyen el cuadro mental que les permitirá seguir la narración como si estuvieran allí” (Idem, p. 75). Na segunda fase, *Previsión y retrospectión*, o leitor formula hipóteses sobre “el desarrollo narrativo o reflexiona sobre el texto leído” (Ibidem, p. 75). Na terceira fase, *Participación y construcción*, o leitor identifica-se com as personagens que têm vivências e emoções semelhantes às dele ou reconhece na personagem alguém de quem gosta muito, ou não, que transfere para a sua vida, projetando-se nele, vivenciando intrinsecamente o desenrolar da história. Na quarta fase, *Valoración y evaluación*, o leitor elabora juízos de valor sobre a moral do livro, bem como sobre a dimensão estética do texto, além disso aplica os seus próprios juízos de valor sobre as situações descritas (Ibidem, p.75). Nesta fase, é valorizada a dimensão estética, ou seja, a forma como o texto é relatado, para que a receção seja aprazível e se desenvolva uma sensibilidade à beleza das palavras e à criatividade das diferentes formas de dizer. Daí, somos da opinião que um educador, antes de apresentar um livro a uma criança, terá de prever a receção destas quatro fases cognitivas pelas quais passa o leitor com o livro. Só a partir delas conseguirá avaliar a adequabilidade do texto ao seu leitor preferencial.

O educador através da sua experiência, dos documentos orientadores e do conhecimento cultural da comunidade em que a criança está inserida prevê o que a criança deverá ser capaz de fazer em cada uma das fases acima descritas. Assim, o educador antecipa o modo como a criança irá imaginar os acontecimentos da história, de forma a levá-la a construir a imagem do que está a ser narrado, a fazer uma previsão do que irá ser retratado, ajudando-a a formular hipóteses, a identificar-se com as personagens de forma acompanhar e a seguir a história, bem como a verbalizar a sua compreensão do texto.

De acordo com Segre (1977, citado por Colomer, 1998) o texto literário “Ejerce una función de construcción del conocimiento, de creación del mundo como modelizador de la realidad a la cual configura y otorga sentido” (Colomer, 1998, p.80). Deste modo, o

contacto com textos literários amplia o conhecimento do mundo, favorece a interação discursiva, bem como o enriquecimento da comunicação, para além de dar a conhecer uma diversidade de mundos possíveis. Assim, o educador deverá dar a conhecer às crianças obras de literatura para a infância, para que estas possam ouvir ler e ler textos literários, interpretar o que está no texto, apreciar o texto literário, exprimir sentimentos e emoções provocados pela leitura do texto, como é preconizado não só nas OCEPE (2016), como também no Plano Nacional de Leitura (PNL).

1.2. Promoção e mediação da leitura na Educação Pré-Escolar

O governo tem vindo a preocupar-se com a falta de leitura dos portugueses, na sequência da avaliação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), através do *Programme for International Student Assessment* (PISA), em que se verificou que grande parte dos alunos no final da escolaridade obrigatória não estão preparados para encararem os desafios da vida quotidiana. Deste modo, o PISA foi criado para apurar se os alunos conseguem mobilizar e aplicar as competências de leitura na resolução de problemas da vida da sociedade e não se são capazes de reproduzir, apenas, os conhecimentos adquiridos.

No PISA, são ainda reunidas informações socioeconómicas dos pais dos alunos e das escolas, de forma a contextualizar os resultados apresentados. Assim, o PISA possibilita identificar fatores que influenciam o desempenho dos alunos nos diversos domínios da literacia. Neste sentido, o PISA faz um retrato de cada país e compara-o com os restantes, permitindo que os responsáveis pela educação estabeleçam metas.

Decorrente de uma má avaliação de Portugal, por apresentar níveis de literacia baixos da população em geral e, em particular, dos jovens, o governo promoveu um conjunto de estratégias destinadas a desenvolver as competências nos domínios da leitura e da escrita, bem como a alargar e a aprofundar os hábitos de leitura da sociedade portuguesa, designadamente da população escolar.

Em 2006, surge o PNL, com o intuito de colmatar as dificuldades de leitura e de escrita, bem como de incentivar hábitos de leitura desde a primeira infância. Este plano concretiza-se num conjunto de medidas que visa um alargamento e promoção de hábitos de leitura, bem como a promoção da leitura em contexto familiar. Por outro lado, o PNL também contribui para uma democratização do acesso ao livro, uma vez que disponibiliza vários livros em formato digital.

Com a disponibilização de uma listagem de livros de literatura para a infância, com o intuito de oferecer uma variedade de textos literários, ajuda os educadores de infância, professores e familiares na escolha dos livros a abordar. Assim, o Ministério da Educação e Ciência reconhece a importância da literatura na educação das crianças.

O governo criou o Programa de Rede de Bibliotecas Escolares (PRBE). O PRBE possibilitou que as bibliotecas públicas estivessem ligadas a outras bibliotecas da mesma área geográfica, incluindo as bibliotecas escolares, com o intuito de trabalharem em parceria disponibilizando fundos complementares e promovendo atividades conjuntas de animação do livro e da leitura. Outro dos objetivos é o de disponibilizar aos utilizadores recursos necessários e dar-lhes a possibilidade de acesso a informação em suporte analógico, digital e eletrónico.

As bibliotecas escolares têm como objetivo promover estratégias de ensino e de aprendizagem. Neste espaço, as crianças podem usufruir de livros, revistas, material informático, jogos lúdicos. Há igualmente professores bibliotecários, mediadores que podem aconselhar e a orientar na leitura. Assim, o professor bibliotecário assegura na escola o funcionamento e a gestão da biblioteca, dinamizando atividades de articulação de apoio ao currículo, contribuindo, desta forma, para o desenvolvimento da literacia e formação de leitores críticos. De acordo com a portaria n.º192-A/2015, de 29 de junho, no seu artigo 3.º alínea f) *Apoiar as atividades curriculares e favorecer o desenvolvimento de hábitos e práticas de leitura e das literacias de informação*. Esta portaria estabelece as regras para a função de professor bibliotecário. Por outro lado, os alunos podem requisitar livros na biblioteca para levarem para sua casa e continuarem a usufruir do prazer da leitura.

O Estado nos últimos anos tem reconhecido a importância da leitura ao articular a biblioteca escolar com a biblioteca municipal, bem como ao dinamizar a Hora do Conto nas diferentes bibliotecas. Além disso, possibilita o intercâmbio de livros entre as famílias.

A aprendizagem da leitura deve assentar no gosto, no prazer que este ato proporciona ao leitor e contribui para o seu interesse. A promoção da leitura é definida pelo glossário da Casa da Leitura como sendo “Conjunto articulado de atividades que têm como objetivo a criação de hábitos de leitura e o desenvolvimento das competências leitoras. Exige o contacto regular e continuado com a leitura literária.” Desta forma, a

promoção da leitura pressupõe um trabalho a longo prazo, continuado, ações repetidas e disponibilidade de tempo. Além disso, a promoção requer um trabalho conjunto com a escola e a família.

Associado à leitura e à sua promoção surge o mediador, responsável por motivar o gosto pela leitura e criar na criança uma boa relação com os livros. O mediador de leitura incentiva a ler e a despertar o “bichinho” da leitura, tendo por isso, um papel fundamental na criação de hábitos de leitura, na formação de novos leitores e na aproximação do leitor aos livros, influenciando de forma positiva a realização do processo de leitura.

Na relação entre a criança e o livro, o mediador de leitura desempenha um papel fulcral, uma vez que é ele que alimenta e proporciona a descoberta/reencontro do leitor com o prazer da leitura, através de práticas de promoção de leitura. Assim, o mediador deve ser, de acordo com Cavalcanti, “um contador absolutamente apaixonado pelo mundo do faz-de-conta” (2002, p. 72). O mediador deve-se entregar à leitura da história com paixão e sentimento, pronunciando cada palavra com emoção e expressão devidamente entoada, com o intuito de captar a atenção do leitor.

Existem estratégias de promoção de leitura que o mediador poderá utilizar, a fim de ter uma boa prestação. Deste modo, propomos algumas recomendações que podem ajudar no momento de contar a história, uma vez que a forma como pronunciamos as palavras e abordamos o livro é um elemento fulcral para conseguirmos conquistar a atenção dos leitores. O mediador pode introduzir a leitura através de um diálogo com os leitores, de forma a estabelecer laços de ligação com o público, com o objetivo de captar a atenção deste e o ajudar a desinibir. Este apresenta ao grupo o livro e os seus elementos paratextuais: capa, contracapa, lombada e guardas. No momento da leitura, deve segurar o livro com as duas mãos, denotando carinho e cuidado, estar ao nível do leitor para que este possa ir acompanhado as ilustrações, que devem ser mostradas em articulação com a leitura do texto verbal.

Um bom mediador de leitura deve ser um leitor assíduo e tirar partido do prazer do livro. Além disso, deve ter em conta que os livros não agradam, do mesmo modo, a todos os leitores e que a leitura não deve ser vista como um castigo, nem como uma obrigação, devendo criar estratégias, para que o futuro leitor se deixe seduzir pela leitura. Logo, um mediador de leitura define-se pela sua capacidade comunicacional em

promover o livro, divulgar, motivar o público na sessão de leitura e nas estratégias que utiliza, para tornar a leitura um momento mágico.

Nesta linha de pensamento, existem diferentes tipos de mediadores: família, escola, (educadores e professores), bibliotecários, e animadores socioculturais, que consideramos importante que estabeleçam uma boa relação e articulação entre eles, proporcionando atividades de leitura em parceria, para uma maior coerência no desenvolvimento da criança.

Os primeiros mediadores de leitura, normalmente, são as famílias, uma vez que são elas que estabelecem o primeiro elo de ligação entre a criança e o mundo, podendo motivá-las para a dimensão estética e simbólica da palavra através de canções de embalar, de lengalengas, e ao contar histórias. Acontece que, e por razões múltiplas, nem sempre a família se presta a esta tarefa, cabendo por vezes, só à escola, na figura do educador, o papel de mediador de leitura. Assim, o educador, como mediador de leitura, tem um papel importante na aproximação da criança entre o livro.

1.3. O Educador como mediador de leitura

O educador, enquanto mediador de leitura, desempenha um estatuto relevante, pois ele é considerado o responsável de excelência para despertar e estabelecer, de forma diferenciada o gosto da criança pela leitura. Logo, o educador deve sensibilizar e fomentar a ligação entre o recetor e o leitor do livro, através de estratégias de animação que incentivam o leitor a interessar-se pelos livros e a querer descobrir novos mundos. Daí, o educador tem como finalidade apresentar o livro como algo atrativo e conseguir, cativar e motivar, pouco a pouco, o gosto e o interesse pelos livros. Como intermediário de leitura, o educador tem possibilidade de levar o leitor a infinitas descobertas.

Para que isto se concretize, é importante a atitude que educador como mediador de leitura demonstra perante o ato de ler, a sua vivência pessoal e o valor que atribui à leitura como fonte de diversão e fruição.

2. A Criança, a Leitura e a Família

Olivier defende que “ o meio familiar influencia a criança em muito aspetos. Se os pais leem muito, se têm livros, é muito possível que os filhos comecem a ganhar interesse pela leitura” (1976, p. 64).

Se a criança for, desde pequena, estimulada no contacto com os livros, com as ilustrações e na atenção às palavras ditas pelo adulto, certamente que consideramos que irá desenvolver interesse pela leitura e ter mais sucesso nas suas aprendizagens. Neste sentido, se o meio familiar em que a criança está inserida estimular o vocabulário da criança, bem como se permitir o contacto com a literatura para a infância, a criança no futuro irá ter não só uma maior receptividade à literatura, como também irá desenvolver hábitos de leitura.

2.1. Importância da família no despertar do gosto pela leitura

A leitura começa muito antes de se saber a ler, nesta linha de pensamento, a família deve proporcionar à criança o contacto com o mundo da leitura. Assim, a criança pode ser estimulada pela família, através de canções de embalar, diálogos com a criança, leituras de histórias, contribuindo para o desenvolvimento da linguagem e o contacto com mundo da leitura.

A família pode sensibilizar a criança para o mundo da leitura e privilegiar o contacto com os livros. Desta forma, a família deve demonstrar hábitos de leitura, para os transmitir e promover na criança, desde tenra idade. Além disso, “ a leitura de histórias e de outras atividades de promoção de competências pré-leitoras parece facilitar numa interação positiva entre as mães e os filhos, dado que motiva e envolve as crianças nestas atividades, bem como promove a linguagem e o desenvolvimento cognitivo” (Roberts, 2005, citado por Ribeiro et al, 2009, p. 86). Neste sentido, os pais devem estimular o contacto da criança com os livros, para que esta possa manusear e explorar os livros.

O livro tem um “lugar importante na vida da criança e no seu desenvolvimento, porque desempenha um papel simultaneamente educativo, recreativo e cultural. O livro é uma fonte de prazer, porque o jovem leitor gosta de contemplar as imagens e de admirar as personagens” (Olivier, 1976, p.64). Além disso, é essencial fornecer às crianças livros ricos em ilustrações, para que possam construir quadros mentais, capazes de ajudar as crianças a viverem as situações narradas. Neste sentido, torna-se fundamental que ao

longo da leitura o mediador analise as ilustrações com o leitor, para as ajudar a criar um quadro de referentes capazes de suprir a falta de vivências pessoais, a dificuldade de organização no espaço e no tempo, para que este passe progressivamente a ser mais autónomo, a reconstruir a narrativa, e a ser capaz de sequencializar as ações com as próprias imagens. Logo, é essencial que os livros integrem a rotina das crianças, para que estas se habituem ao contacto com estes e deixem de os poder dispensar.

Os pais, ao contarem uma história, estabelecem uma ligação entre a criança e o livro, tornando-se os primeiros mediadores de leitura. Neste sentido, a criança que desde cedo, tem o contacto com os livros e está inserida num ambiente que estimula à leitura, irá ter benefícios no futuro, uma vez que irá saber reconhecer os signos com maior facilidade do que outra criança que teve o seu primeiro contacto com a leitura, ao entrar na escola. Além disso, a criança, ao conviver com os livros na infância, vai adquirindo não só hábitos de leitura, como também desenvolve a imaginação. Estes fatores contribuirão para que a criança, mais tarde, se torne mais conhecedora do mundo, possua um vocabulário mais rico e tenha uma melhor expressão escrita e oral.

No caso das crianças que não tiveram oportunidade de ser estimuladas pela família, no despertar pelo gosto da leitura, a escola deve estar atenta e proporcionar às crianças o contacto com os livros, possibilitando que os levem para casa. Assim, é essencial que o educador crie estratégias de modo a recuperar e a sensibilizar as crianças para o interesse das histórias, e por sua vez, da leitura. Além de que a escola deve promover atividades que envolvam tanto as crianças como os seus familiares no processo de leitura, uma vez que a criação e a manutenção dos hábitos de leitura envolvem necessariamente a cultura familiar.

Nesta linha de pensamento, a escola pode proporcionar aos familiares *workshops*, com o intuito de transmitir algumas estratégias a utilizar no momento da Hora do Conto, de modo a incentivar os pais a despertar o interesse dos filhos para as histórias. Além disso, o educador pode preparar sessões de Hora do Conto em que os familiares contam histórias às crianças. Estas atividades e “programas de educação que focam nos pais e cuidadores, projetos escolares básicos que envolvem os pais no suporte da educação escolar dos seus filhos” (Ribeiro et al, 2009, p.46) são uma mais-valia, uma vez que estimulam o interesse, tanto das crianças como dos seus familiares, pela leitura, tanto através dos livros como de outros suportes comunicativos.

3. Práticas de atividades de leitura

“É na família e nas escolas que as crianças vão encontrar os modelos que mais as marcam e definem” (Marujo, Neto & Perloiro, 1999, citado por Ribeiro et al, 2009, p. 157).

Deste modo, após referirmos o papel das famílias abordaremos a articulação com estas.

3.1. No jardim-de-infância

De acordo com Diaz (2009, citado por Cavalcanti), é essencial familiarizar as crianças com os livros, uma vez que estes contactos “permitirão desenvolver a linguagem, a inteligência, a compreensão leitora, a criatividade e as relações sociais, personalidade, promovendo a autoestima” (2014, p. 24). Neste sentido, o contacto com as histórias permite que as crianças que se vão integrando na realidade em que se inserem, desenvolvam a criatividade, o imaginário, ampliando o conhecimento sobre o mundo que as rodeia.

Consideramos fundamental reservar um tempo para a leitura, todavia esse período não deverá ser utilizado para adormecer a criança, pois pretende-se que a criança se sinta desperta e entusiasmada a viver o que lhe está a ser lido.

As narrativas infantis “na escola apresentam-se como uma poderosa estratégia educativa, já que é indiscutível o prazer com que as crianças escutam estas narrativas, a facilidade com que as compreendem, apesar da complexidade das suas estruturas cognitivas” (Albuquerque, 2000, p. 14), permitindo deste modo, a exploração de emoções e sentimentos, levando as crianças a interiorizarem o conhecimento da língua e a expressarem-se com os outros. Além disso, possibilitam o desenvolvimento cognitivo e social.

A poesia apresenta-se como uma das formas de expressão mais produtivas e criativas, dado que proporciona à criança o contacto com as palavras de um modo lúdico. Daí, a poesia ser para as crianças uma “experiência multidisciplinar e enriquecedora, pronta a despertar a curiosidade do saber mais, ao estabelecer múltiplas relações com o sujeito e o mundo que o rodeia” (Bastos, 1999, p. 157). Deste modo, a poesia para crianças adota um peso essencial na dimensão fónico- rítmica, “aspetos como a função lúdica da

poesia, o jogo com as palavras e a sua musicalidade, o trabalhar o som e o ritmo, os múltiplos caminhos do significado, constituem alguns pontos de referência para qualquer educador” (Idem, p. 162). Então, é fundamental que o educador proporcione às crianças o contacto com as rimas, as lengalengas, os trava-línguas e as adivinhas, dado que a poesia convoca os sentidos e as emoções através da sonoridade e do ritmo. Neste sentido, a poesia e o seu jogo de palavras, bem como o prazer articulatório que daí advém constituem-se como motivadores da aprendizagem e promotores de uma sensibilidade à dimensão estética da língua.

O texto dramático e a consequente dramatização desenvolve na criança o conhecimento e a utilização dos códigos quinésicos e cinéticos, o que enriquece a comunicação desta ao mobilizar várias linguagens no discurso comunicativo. Logo, “la singularidade del teatro frente a los otros géneros radica en que a la expresión lingüística hay que añadir otros recursos que resumimos en la expresión corporal, la expresión plástica y la expresión rítmico-musical” (Cervera, 1992, p. 137). Esta complexidade poderia causar dificuldades nas crianças na descodificação simultânea de diversos códigos, no entanto apresenta vantagens na medida que “representa la totalidad de la vida a través de acciones humanas” (Idem, p.160), o que ajuda não só a estruturar a narrativa, ao definir espaços, caracterizar personagens e sequencializar ações, como ultrapassa as possíveis dificuldades na criação de imagens mentais originada pela inexperiência do jovem leitor/ouvinte. Daí, o texto dramático do “punto de vista de la transmisión y de la comunicación, adquiere una complejidad mucho mayor que la de los otros géneros” (Idem, p.137).

A participação das crianças no jogo dramático é crucial para o seu desenvolvimento, dado que permite o contacto com os outros numa “atividade natural, espontânea, necessária à própria criança como forma de se relacionar com o mundo e valorizar o seu Eu” (Bastos, 1999, p.227). O educador poderá também proporcionar às crianças Horas do Conto com recurso ao teatro de fantoches, de marionetas, bem como idas ao teatro, para além do incentivo ao desenvolvimento de atividades de jogo dramático.

O educador e professor bibliotecário deverão utilizar alguns recursos e seguir algumas estratégias de promoção da leitura, de modo a despertar e incentivar o interesse da criança, pelos livros e histórias. Desta forma, apresentamos algumas propostas de atividades que poderão ser realizadas neste contexto.

3.1.1. Dinamização da Hora do Conto: Recursos e estratégias de promoção da leitura

A Hora do Conto consiste no momento dedicado à leitura, que deverá fazer parte da rotina da EPE. Esta atividade, que não se restringe apenas aos contos, mas sim a todo um *corpus* textual que é convocado para atingir os objetivos anteriormente equacionados ocupa um lugar primordial na rotina das crianças.

De acordo com Albuquerque (2000), “ ‘o contar de histórias’ é uma atividade rotineira que ocorre, pelo menos, duas vezes por semana. As crianças, na maioria das vezes, dirigem-se ao ‘cantinho das histórias’, um espaço mágico existente em muitas salas” (2000, p. 26). Observaremos mais adiante, que existem estas práticas em alguns jardins de infância, por parte das educadoras, no entanto somos da opinião de Rueda (2005), que considera que “En Educación Infantil es muy interesante y positivo dedicar todos los días un tiempo a la lectura de algún cuento o historia, porque a través del mismo el niño sueña, vive aventuras que le permitirán desarrollar su creatividad y a la vez su pensamiento divergente” (2005, p. 75). Neste sentido, consideramos pertinente que a Hora do Conto faça parte da rotina diária do grupo, todavia é importante dedicar todos os dias um tempo à leitura, com o intuito do grupo se desenvolver cognitivamente e emocionalmente.

Segundo Rueda (2005), torna-se vantajoso realizarmos “siempre el mismo momento del día la Hora del Cuento” (Idem, p. 75), por considerar que deste modo as crianças “podrán ir aprendiendo y controlando el concepto Tiempo (antes del cuento/después del cuento)” (Idem, p. 75). Deste modo, somos da opinião que se a Hora do Conto estiver instalada na rotina das crianças, estas vão-se familiarizando com este momento e esperam por, naquela hora, ter o contacto com as histórias. Logo, depois da Hora do Conto estar presente na rotina, as crianças ficam à espera deste momento e reclamam quando não existe, tornando-se uma necessidade. Daí ser importante que o educador “faça da leitura de histórias uma parte integrante da rotina diária, para que as crianças passem a esperar que lhes sejam lidas histórias” (Hohmann, 2003, p. 548).

Se as crianças estiverem familiarizadas com a Hora do Conto, habituadas a que lhes leiam histórias, certamente que irão criar uma relação com os livros, bem como “encontrar solución a sus problemas cotidianos, al identificarse com el protagonista de la historia e reflexionar sobre los valores que la historia transmite.” (Rueda, 2005, p.75). También

é importante que o educador “releia as histórias que as crianças mais gostam, a pedido delas, ou por sua própria iniciativa” (Idem, p. 548), uma vez que estas adoram que a sua história favorita seja contada. Segundo Ribeiro, “a repetição da mesma história é igualmente benéfica, já que as crianças são confrontadas com as mesmas estruturas sintáticas e morfológicas” (2009, p. 82), o que ajuda a consolidar estas estruturas linguísticas e a introduzi-las na sua comunicação oral quotidiana.

Nesta linha de pensamento, de forma a tornar este momento mais aprazível, o educador deverá possibilitar à criança o contacto com diferentes recursos didáticos. A Hora do Conto desempenha um papel primordial na EPE, na medida em que proporciona à criança o desenvolvimento do prazer pela leitura e pela audição de histórias.

No desenvolvimento deste trabalho investigativo, verificámos que a Hora do Conto é o momento em que as crianças podem aprender de formas variadas, desenvolvendo várias áreas de saber, uma vez que o registo da história e a história em si promovem a integração de várias áreas das OCEPE “a proposta de atividades de extensão do acto de leitura através do recurso à complementaridade da expressão plástica e da expressão dramática, são convites à apropriação do espaço pelos jovens leitores e à promoção da leitura.” (Ribeiro et al, 2009, p. 28).

De forma a potenciar a Hora do Conto, o educador poderá recorrer a diferentes estratégias e recursos, com o intuito de envolver a criança totalmente neste momento. Logo, o educador, ao dinamizar a Hora do Conto, poderá utilizar diversos recursos, de modo a tornar a leitura ainda mais fascinante para as crianças. Portanto, através da utilização dos diferentes recursos pretende-se que a criança compreenda melhor o texto, que fique atenta à mesma, despertando a sua atenção e o seu interesse pelas histórias.

De acordo com Hohmann (2003), é possível adaptar algumas estratégias de forma a tornar a leitura na EPE, uma atividade que aproxime as crianças do livro e das histórias. Assim, a autora dirige-se ao educador propondo-lhe a leitura “em pequenos grupos de crianças e não em grandes grupos. Sente-se no chão de forma a que, enquanto lê, as crianças possam colocar-se junto a si, tão próximas quanto possível” (Hohmann, 2003, p. 547), uma vez que as crianças gostam de estar fisicamente perto de quem conta a história. Também é necessário que o educador escolha “histórias que não sejam demasiado longas, tendo em conta a capacidade da criança (15 a 20 minutos)” (Traça, 1992, p. 138), tenha em “a atenção à luz (é difícil ter ouvintes atentos se o sol lhes estiver

a bater em cheio na cara), ao barulho (é impossível seguir o fio da história se o ruído da rua se sobrepuser à voz)” (Idem, p. 138), para que os leitores se sintam confortáveis. Por outro lado, o educador ao contar a história, não deverá “quebrar o seu encanto para mandar calar este ou aquele ou para introduzir observações sobre as caretas que o menino da ponta está a fazer para o vizinho do lado.” (Ibidem, p. 139).

As estratégias de promoção da leitura poderão estar organizadas em três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura. É fundamental que não se repita a mesma atividade nestes momentos, para não se banalizar e deixar de despertar o interesse.

Antes da leitura, o mediador deve tentar aproximar-se do leitor, para este adquirir confiança. Desta forma, consideramos importante, que, neste momento, o mediador formule perguntas sobre o tema, explore os elementos paratextuais, que em conjunto com o leitor formule hipóteses sobre o conteúdo do texto, com base no título, nas ilustrações, na mancha gráfica, de maneira a despertar interesse e curiosidade no leitor sobre a temática abordada no livro.

No momento da leitura, é fundamental que o mediador se entregue de corpo e alma à leitura do texto “é necessário contar empenhadamente”, (Ibidem, p. 140) com o intuito de levar o leitor a viver intensamente o texto e a desfrutar do prazer da leitura. Deste modo, o mediador precisa de “saber bem a história que vai contar. Não é necessário aprendê-la de cor, mas é necessário preparar-se” (Ibidem, p. 138), tratando-se de assimilar a história, de forma a improvisar a sua narração, para poder analisar os diversos momentos que a constituem, de forma a destacar os momentos fulcrais na hora de contar. É crucial que o mediador leia algumas linhas da história, intercaladas, para que os ouvintes percebam que as palavras também saem dos livros.

O mediador deve pronunciar as palavras com calma e prestar atenção ao que lê, de forma a levar o leitor a formular imagens mentais do que lhe é dito. Também deverá deixar algum *suspense*, de forma a suscitar o interesse das crianças pela história e promover a previsão das ações seguintes.

No que concerne, à pós-leitura, o mediador deve levar o leitor a refletir sobre o que foi lido, pedindo que confronte as previsões do conteúdo com a informação do texto, levando o leitor a fomentar uma atitude crítica face ao que ouve. Além disso, o mediador também deve proporcionar ao leitor que exprima não só sentimentos, como também emoções face ao texto. No momento de pós-leitura, “são valorizadas as perguntas

iniciadas por “Quem”, “Onde”, “Porquê” e “Quando”, já que se procura promover uma atitude ativa da criança e o uso da linguagem” (Ribeiro et al, 2009, p. 80), bem como a compreensão do leitor face à história. É de referir que a estas questões adicionaríamos a pergunta “O quê?” e se fosse um grupo de 5 anos acrescentaríamos ao porquê “Como?”.

No momento de pós-leitura, pode-se pedir ao leitor que crie, por vezes, um final diferente e faça uma releitura do livro. Segundo Rueda, “Después de la narración se pueden realizar distintos juegos para conocer el grado de comprensión del cuento” (2005, p. 77). Depois de a criança ouvir a história, podem-se realizar jogos que a levem a rever os momentos da história ou fazer o registo da mesma através do desenho.

Nas sessões de dinamização da Hora do Conto, utilizamos diferentes recursos tais como: a caixinha de música, o livro, o *datashow*, o teatro de fantoches, o flanelógrafo e o avental.

Antes de iniciarmos a história, colocávamos a caixinha de música a tocar enquanto as crianças se sentavam e aguardavam pelo momento da história. Logo que a música terminava, o grupo teria que fazer silêncio e escutar a história e só voltariam a falar, quando a caixinha tocasse novamente. As crianças ficavam maravilhadas com a melodia que saía da caixinha, o que provocava uma tranquilidade no grupo, ficando mais sereno no momento da leitura. Além disso, as crianças ficavam mais atentas ao desenrolar da história.

Uma das atividades dinamizadas na hora do conto foi a história: “A manta. Uma história aos quadradinhos (de tecido)”, de Isabel Minhós Martins, promovida a partir do livro com o mesmo nome. O grupo começou por analisar os elementos paratextuais: a capa, a contracapa, a lombada e as guardas. De seguida, as crianças, a partir da história, fizeram uma previsão sobre o que consideravam que iria ser tratado na história. Posteriormente, ouviram atentamente a narrativa, respondendo, no final, às questões que lhes foram colocadas.



Figura 1: Hora do Conto - “A manta. Uma história aos quadradinhos (de tecido)”, de Isabel Minhós Martins

Além disso, fizeram o reconto da história através das ilustrações, incidindo sobre os retalhos de tecidos. As crianças identificaram que a personagem principal é uma avó que conta histórias, através do reconto das histórias encaixadas dentro de uma história maior.

Assim, os meninos referem que a avó não precisa de livros para contar diferentes histórias aos netos, MM: “A avó olha para a manta e conta aos netos a história de um quadradinho.”

No final, o grupo sugeriu que construíssemos a nossa própria manta de leituras, em que cada criança escolheria com a família a história a contar aos colegas, para representar no quadradinho de tecido, o qual iremos referir posteriormente.

Outra história dinamizada, na hora do conto, foi: “O pai galinha e o seu pintaíno”, de Bernardino Pacheco e Raquel Pinheiro, em que se utilizou o recurso *datashow*. A utilização do *datashow* teve como intuito dar possibilidade a todo o grupo de poder observar as ilustrações da história, uma vez que a sessão foi dinamizada em grande grupo. O grupo começou por analisar a capa, de seguida desvendou o mistério de quem seria a personagem retratada no texto. De seguida, escutaram a leitura da história com atenção. No final, as crianças comentaram as ações que faziam com o pai no seu quotidiano, reforçando a importância deste.

A história: “O coelho Branco”, de António Torrado, foi dinamizada através de um teatro de fantoches, pelo facto de todos os animais estabelecerem diálogo com o coelho branco e de apresentar uma estrutura paralelística, pois o que o coelho branco pede ao cão é o mesmo que solicita a outro animal; além disso, todos respondem do mesmo modo. Nesta linha de pensamento, as crianças na segunda fase formulam hipóteses e fazem uma previsão sobre o desenrolar do texto narrativo, apercebendo-se da existência de uma estrutura paralelística. O que origina que, na terceira fase, as crianças participem e se envolvam na história, antecipando as falas das personagens, porque são previsíveis.



Figura 2: Hora do Conto -“O coelho Branco”, de António Torrado

O uso dos fantoches proporcionou que as crianças observassem que quando uma das personagens está em ação a outra está parada, tendo que esperar pela sua vez para comunicar. As crianças também observaram a entrada e saída de uma personagem em cena, através dos fantoches. Posteriormente, a utilização dos fantoches, por parte das crianças, possibilitou que estas interagissem no momento de recontar a história, levando-as a encarnar as personagens da história. Deste modo, as crianças, no final, recontaram a história com os fantoches utilizados no momento da dinamização da hora do conto, o que

se revelou ser muito vantajoso, dado que as crianças mais inibidas quiseram participar pela novidade do fantoche.

A história: “O Porquinho Vítor”, de Jorge Amaro e Luís Valente, foi dinamizada, a partir do flanelógrafo, de modo a que as crianças se apercebessem, no desenrolar da história, da entrada e saída de personagens, bem como da movimentação das personagens no espaço. No final, as crianças utilizaram o flanelógrafo para recontar a história, sendo que todas quiseram participar, mesmo as crianças mais reservadas, por ser um recurso novo para elas. É de referir que também criaram novas histórias com as personagens, bem como cenários, o que possibilitou o desenvolvimento da linguagem e da imaginação.



Figura 3: Reconto da história: "O Porquinho Vítor", de Jorge Amaro e Luís Valente

A história: “A galinha medrosa”, de António Mota, foi dinamizada a partir de “o avental”, com o intuito de suscitar *suspense* no grupo, por desconhecerem a personagem que iria aparecer. Assim, conforme a ação da história se desenrolava, as personagens surgiam do bolso do avental, sendo recolocadas neste.



Figura 4: Hora do Conto- "A galinha medrosa", de António Mota

Deste modo, somos da opinião que, quando o contador de histórias dinamiza a Hora do Conto com diferentes recursos, as crianças ficam mais fascinadas e deslumbradas durante toda a sessão, para além de potenciar a compreensão da comunicação verbal, conforme verificámos nas sessões dinamizadas.

É de referir que não chega só o papel da escola em criar estratégias de promoção de leitura, uma vez que é fundamental que o leitor desfrute autonomamente, já desde o jardim de infância, e aprecie este ato de ler e se sinta identificado com o que lê, como Cavalcanti refere:

“Não basta que a escola promova o lúdico, a brincadeira e a leitura dentro de um clima de prazer. É fundamental que aprender a ler e a gostar de ler tenha um sentido na vida de cada um. Que o leitor se sinta identificado com o lido, que possa exercitar-se numa aprendizagem importante sobre o mundo, as pessoas, a natureza, as lutas, a dor e o amor.” (2002, p. 79).

3.2. Na família

“ En la Etapa Infantil, la relación entre familia y escuela se convierte en algo absolutamente necesario para el progreso” (Rueda, 2005, p. 69).

A família desempenha um papel crucial na criação de hábitos de leitura na criança, uma vez que os filhos tendem a seguir os exemplos de casa, sendo por isso, mediadores de importância acrescida na motivação e incentivos à leitura.

Um dos intuitos do PNL assenta na promoção da leitura em família criando assim, uma proposta para a EPE designada por “Leitura em vai e vem”, que tem como objetivo conceber momentos de qualidade de leitura no seio familiar, em que cada criança leva um livro para casa para uma leitura em conjunto.

De acordo com Rueda (2005), “No siempre tiene que ser el maestro o maestra quien cuente cuentos; por nuestras aulas han pasado padres, abuelos y hermanos para realizar esta función” (Idem, p.76). Daí, termos convidado pais a comparecerem à instituição dinamizar a hora do conto, uma vez que é essencial os filhos observarem os próprios pais a contarem histórias, para que possam desta forma, sentir maior confiança. Neste sentido, “quando os pais agem como leitores perante a criança funcionam como modelos” (Ribeiro et al, 2009, p.47) que tendem a levar a criança a imitar.

Outra forma da família promover o gosto pela leitura, nos filhos, é proporcionar encontros nas bibliotecas, a fim de “ facilitar o acesso aos recursos disponíveis e o treino de promoção de competências pré-leitoras, como a seleção de livros apropriados para as crianças, estratégias para a leitura em voz alta e atividades orientadas para a leitura” (Cruz & Ribeiro, 2009, p. 100). A autora sublinha a importância “não só a sessões de biblioteca mas igualmente experiências exteriores como visita a exposições, espetáculos e encontros com ilustradores e escritores” (Idem, p.105), para que as crianças consigam ter um depósito de imagens mais enriquecido, que será convocado no momento da leitura. Por outro lado, também é importante que as crianças conheçam ilustradores, autores, para que possam estabelecer laços afetivos e se sintam, progressivamente, pertença de uma comunidade cultural.

O educador também poderá dinamizar projetos de leitura em parceria com as famílias. Neste sentido, realizamos dois projetos: “Quem conta um conto...” e “ A manta que conta histórias”, de forma a envolver as famílias neste processo.

3.2.1. Projeto “Quem conta um conto...”

O projeto: “Quem conta um conto...”, consiste na elaboração de uma história, escrita pelos pais e crianças do grupo em questão. Assim, uma criança do grupo começou por levar o livro para casa, para iniciar a história com os seus familiares, sendo que de três em três dias o livro passava para outra criança do grupo, para dar seguimento à história.

É de referir que quando as crianças traziam, para a escola, o livro: “Quem conta um conto...”, partilhavam em grande grupo como deram continuidade a história, explicando por palavras delas o que estava escrito no texto que tinham feito em casa com as famílias. Além disso, faziam a análise das ilustrações, elaboradas por eles. Também é de mencionar que as crianças explicavam como faziam com a família, para dar continuidade à história. Referindo que os pais começavam por ler a história e analisar as ilustrações com os filhos, para posteriormente darem seguimento à história.

LR: *Quando cheguei a casa, a minha mãe e o meu pai leram-me a história feita pelos outros meninos e os pais. Também vimos as ilustrações. Depois, o meu pai perguntou-me o que gostava que acontecesse ao dinossauro e eu disse que gostava que ele encontrasse um amigo, foi aí que surgiu o Arlo [nome dado pelas crianças ao dinossauro].*

3.2.2. Projeto “A Manta que conta histórias”

Na dinamização da sessão de leitura da história: “A manta. Uma história aos quadrinhos (de tecido)”, de Isabel Minhós Martins, as crianças ouviram atentamente a história. No final, comentaram a história e formulámos algumas questões ao grupo, para perceber se tinham compreendido a mensagem da história. Assim, voltámos a ler o título do livro e questionámos o grupo sobre o que é uma manta e como é que a avó contava as histórias aos netos. Posteriormente, o livro foi analisado novamente pelo grupo, através do reconto da história, em que as crianças descreveram o que retratava cada tecido na história, à medida que desfolhavam o livro, levando-as a fazer um exercício de memória e de compreensão do texto.

Através de atividades de animação da leitura foi possível aprofundar a compreensão do texto com o grupo de um modo lúdico, o que contribuiu para a promoção da leitura, de uma forma agradável e aprazível, na medida em que as crianças participaram com entusiasmo, como se pode constatar nas seguintes afirmações: AR: “também quero uma manta assim”; CC: “gostei muito desta história”; DD: “*este tecido foi quando a avó ia para a praia*”; LR: “este tecido foi quando o menino partiu o braço a andar de bicicleta, coitadinho.”

No final, o grupo propôs que construíssemos a nossa própria manta de leituras, em que para isso as crianças teriam de pedir aos pais para lhes contarem uma pequena história, que seria representada num pequeno retalho de tecido. Deste modo, cada criança deveria colocar na manta o seu retalho e recontar a história ao grupo, para que todos associássemos aquele tecido aquela história. No decorrer das semanas, as crianças foram trazendo os retalhos com as suas histórias e iniciámos o nosso projeto da manta que conta histórias.

As crianças traziam o retalho de tecido, decorado por elas juntamente com os pais, colavam-no na manta e contavam a história que os pais lhes tinham contado, em voz alta, para todo o grupo ouvir.



Figura 5: Depois de partilhar a história com os colegas JR, cola o seu retalho na manta

Este projeto revelou-nos o quanto é importante o trabalho em parceria entre escola-família, para juntos conseguirmos alcançar e ultrapassar os objetivos delineados, como o desenvolvimento da linguagem, a aquisição de novo vocabulário, a aproximação da criança ao livro, o contar de histórias entre famílias e crianças. Quando existe um maior envolvimento das famílias em parceria com as atividades de sala os objetivos são alcançados com maior facilidade e as crianças participam ativamente, permitindo uma melhor aprendizagem.

CAPÍTULO II – Intervenção educativa

4.1. Contexto da investigação

O presente estudo foi implementado numa instituição particular, situada na grande área metropolitana do Porto. A instituição está localizada no concelho da Maia, inserida num contexto com uma grande diversidade educativa, social, desportiva, cultural, económica e ambiental, tendo à sua disposição um grande leque de locais/instituições para as diversas faixas etárias, que podem e devem ser inseridas em distintos contextos de aprendizagens.

O seu processo de ensino e aprendizagem baseia-se, portanto, na metodologia de Projeto (necessidade de responder a alguma intenção e de enfrentar dificuldades e desafios a partir daí) e ainda à teorização advinda do Movimento da Escola Moderna (estipula, tal como já foi mencionado anteriormente, valores de cooperação através do diálogo, responsabilidade, em que a criança terá de construir e refletir sobre a sua própria aprendizagem).

Segundo Lilian Katz (1987), a metodologia de projeto assenta em três fases: planeamento e arranque; desenvolvimento do projeto, e por último, reflexões e conclusões. Assim, na primeira fase, as crianças identificaram o tema que queriam aprofundar e pesquisar, neste caso “os dinossauros”, e sugeriram o que gostariam de saber sobre o assunto: “Quando apareceram os dinossauros?”, “Quais os diferentes tipos de dinossauros”, “Como nasciam os dinossauros?”, “O que havia na floresta dos dinossauros”, construindo com esta informação a teia do projeto. Além disso, as crianças propuseram transformar a sala numa floresta de dinossauros e deram sugestões de como o fazer: “Podíamos fazer um tapete para a relva...o meu pai tem tapetes verdes”, “Podíamos fazer árvores com tubos e papel”, “pedras e montanhas como na floresta”, “uma cascata para os dinossauros beberem água” e “uma gruta para se esconderem”. Neste sentido, as crianças quiseram caracterizar o espaço em que viveriam os dinossauros,

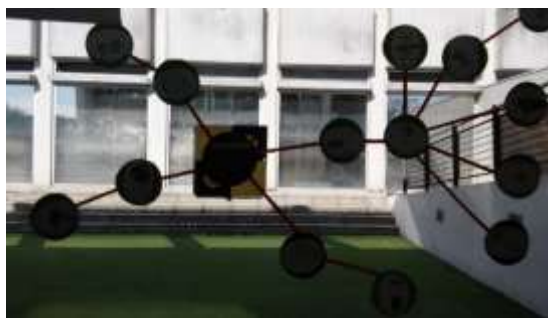


Figura 6: Teia do projeto

para poderem vivenciar as ações deles na sala, preocupando-se com a sua alimentação (relva, árvores, cascata) e a sua defesa pessoal (gruta para se esconderem).

Quanto à segunda fase, o desenvolvimento do projeto iniciou-se com as crianças já a transformarem a sala numa floresta de dinossauros. Além disso, as crianças realizaram muitas atividades de sala relacionadas com o tema do projeto, como por exemplo: horas do conto que envolvem histórias de dinossauros, porque a curiosidade era constante. As crianças também construíram cristas e patas de dinossauros, para poderem conhecer o corpo dos dinossauros e usando-as, poderem dramatizar as histórias, passando a encarnar melhor o seu papel de dinossauros.

A relação com a família revela-se fulcral no desenvolvimento do projeto. A colaboração dos pais, assim como de outros parceiros educativos na comunidade, são sempre fonte de contributo de saberes e competências para o trabalho a desenvolver com as crianças, tornando-se um meio de alargar e enriquecer situações de aprendizagem. Neste sentido, procurámos dinamizar atividades de sala que envolvessem os pais, como por exemplo: pesquisas relacionadas com o projeto, participação dos pais na hora do conto, em atividades de plástica, tendo aí construído muitos dos adereços necessários as dramatizações. Houve, inclusive, um pai que, tendo uma fábrica de confeções, produziu todas as caudas necessárias para todas as crianças, tendo nós apenas que criar os ajustes necessários ao corpo de cada criança.

Na terceira fase, as crianças reviveram tudo o que tinha acontecido na sala e ajudaram na criação da preparação de uma pequena atuação para os pais. Assim, as crianças ajudaram a construir a história, contribuíram para a escolha das personagens e da canção para mostrarem aos pais a evolução do projeto.

No que diz respeito ao Movimento da Escola Moderna, Folque define este modelo pedagógico, como sendo um desafio à “visão individualista do desenvolvimento infantil, propondo uma perspetiva social, em que o desenvolvimento se constrói através de práticas sociais, dentro de parâmetros históricos e culturais” (1999, p.5). Desta forma, a aprendizagem é feita através da relação entre pares e entre crianças e adultos, mobilizando escola e família, promovendo uma partilha de saberes e entreajuda. Nesta perspetiva, as crianças são participantes ativas na construção da sua aprendizagem, em parceria com os seus educadores, participando na planificação e gestão das atividades que vão desenvolvendo durante o dia e envolvendo as suas famílias.

Este modelo pedagógico promove também a recolha de informação por parte das crianças, dado que as crianças escolhem um assunto para realizar uma pesquisa com ajuda do adulto no computador. Além disso, as crianças escolham livremente a área de trabalho. Também são dados reforços positivos ao trabalho da criança, contribuindo para um aumento da sua autoestima. Por outro lado, os trabalhos realizados pelas crianças são expostos na sala e no *hall* da entrada da instituição, para que toda a comunidade possa acompanhar o trabalho realizado. Ainda, se envolve os pais na participação das atividades, no dia-a-dia da escola.

Na nossa perspetiva, do que vamos observando na instituição, concluímos que é possível encontrar-se uma escola aberta e democrática na qual a criança assume um papel determinante em todo o seu processo formativo, ou seja, onde tem a liberdade de dialogar, participar, criticar e responder a desafios. Isto verifica-se sobretudo na escolha dos projetos que querem trabalhar em contexto de sala de aula, que são proposta do grupo consoante os seus gostos e interesses.

Para a analisar o contexto em estudo, será necessário refletir sobre os documentos estruturantes da instituição. Segundo o Artigo 9.º do Dec. Lei n.º 75/2008, todas as instituições de ensino possuem o *Projeto Educativo, o Regulamento Interno e o Plano Anual e plurianual de Atividades*.

Projeto Educativo

O Projeto Educativo (PE) é um documento orientador, que explicita os princípios, os valores, as metas e as estratégias, que as instituições se propõe cumprir na sua prática educativa.

O PE da instituição em estudo procura dar uma identidade e assumir o “código genético” da escola, uma vez que nos divulga as suas características e particularidades como é o caso da situação geográfica, meio social, económico, a caracterização da freguesia e os recursos humanos, que serão fatores determinantes na construção do PE da instituição.

A instituição em estudo constrói o seu PE tendo por base três princípios orientadores: liberdade, responsabilidade e solidariedade, com o intuito de “Formar cidadãos do Mundo: livres, responsáveis e solidários” (PE, 2012/2015, p.55) promovendo um progresso integral dos alunos. Deste modo, a escola pretende desenvolver seres

críticos e criativos face ao mundo que os rodeia, para uma maior capacidade de trabalho e uma melhor inserção na vida ativa.

Ao longo da nossa observação, verificámos que existe um momento na rotina da criança em que esta escolhe livremente as atividades a desenvolver. Além disso, a educadora valoriza diferentes opiniões, promovendo a liberdade de pensamento. Constatámos ainda, que as crianças e as educadoras respeitam o cumprimento das normas vigentes no PE e no Regulamento Interno (RI). Também apurámos que a instituição promove o espírito de solidariedade, desenvolvendo parcerias de apoio a famílias carenciadas com algumas instituições, promovendo atividades que envolvem os recursos da instituição as crianças e as famílias, colocando em prática os valores defendidos no seu PE.

Ao longo da nossa intervenção pedagógica, também existiu a preocupação de agirmos tendo em conta estes princípios, daí termos realizado atividades com o grupo que promovessem a liberdade, a responsabilidade e a solidariedade, a fim de preparar as crianças para a cidadania, dando-lhes oportunidade de participarem com as suas ideias e respeitarem as ideias dos colegas e contribuírem para a construção do projeto, tornando-os cidadãos participativos e responsáveis.

Este documento engloba todos os outros documentos complementares à instituição: o RI, o Plano Anual de Atividades (PAA) e o Projeto Curricular de Turma, todos eles articulados entre si, com o intuito de oferecer uma resposta educativa decorrente da identidade com que a instituição se pretende afirmar.

Regulamento Interno

O RI é o documento que define o regime de funcionamento da instituição, de cada um dos seus órgãos, estruturas e serviços, bem como os direitos e deveres dos membros da Comunidade Educativa. Este documento é dirigido a toda a comunidade educativa e a todos que com ela interagem, como: órgão de administração e gestão, docentes, assistentes operacionais e discentes, pais e encarregados de educação e todo o pessoal que estabeleça um vínculo com a instituição. Neste sentido, o RI da instituição tem nele contido a filosofia educativa inerente ao PE.

Após a análise deste documento, verificámos através da observação que as finalidades da instituição vão ao encontro do que é regido por este documento.

Plano Anual de Atividades

O PAA contempla todas as atividades a dinamizar ao longo do ano letivo. As atividades estão organizadas por meses. Em cada atividade estão assinalados: as prioridades estabelecidas pelo PE, que se pretendem incrementar com a atividade dinamizada; o nome da atividade e o nível de educação e ensino a que se dirige; os objetivos da atividade; os intervenientes; os dinamizadores e os responsáveis.

As atividades do PAA que englobam a promoção da leitura na EPE são: Semana da Leitura e Feira do livro, que decorrem na semana de 16 a 20 de março; e o Dia Mundial do Teatro, no dia 27 de março.

Ao analisar o PAA, verificámos que existe uma atividade de encontro com um autor que só é dirigida ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, no entanto, considerámos que poderia ser vantajoso para toda a comunidade se esta englobasse todo os níveis de ensino, pois como temos vindo a referir no nosso estudo é essencial que as crianças tenham contacto com os autores, desde cedo.

Ao longo da nossa intervenção pedagógica, verificámos que a instituição procura estabelecer um clima entre educador-pais o mais harmónico possível, dado os segundos serem colaboradores ativos no processo educativo dos seus filhos. Neste sentido, a instituição considera fundamental que tenham conhecimento de algumas questões ligadas à educação, interajam e se envolvam de forma participativa e ativa.

Em suma, todos os documentos orientadores da instituição têm como objetivo o desenvolvimento integral da criança e estão interligados e complementam-se conseguindo, no seu conjunto, criar em todo a instituição uma dinâmica eficaz e organizada.

4.1.1. Caracterização das famílias

Sendo a família um dos fatores que pode influenciar a aprendizagem de uma criança, consideramos relevante fazer uma recolha de dados, em que serão identificados alguns fatores socioculturais que influenciam, de forma direta ou indireta o comportamento da criança.

No que diz respeito à idade dos pais da sala dos 4 anos, a idade do pai está entre os 35 e os 48 anos e a idade da mãe entre os 27 e os 44 anos, sendo que a idade dos pais varia, na maior parte dos casos, entre os 34 e os 39 anos, conforme evidencia o gráfico.

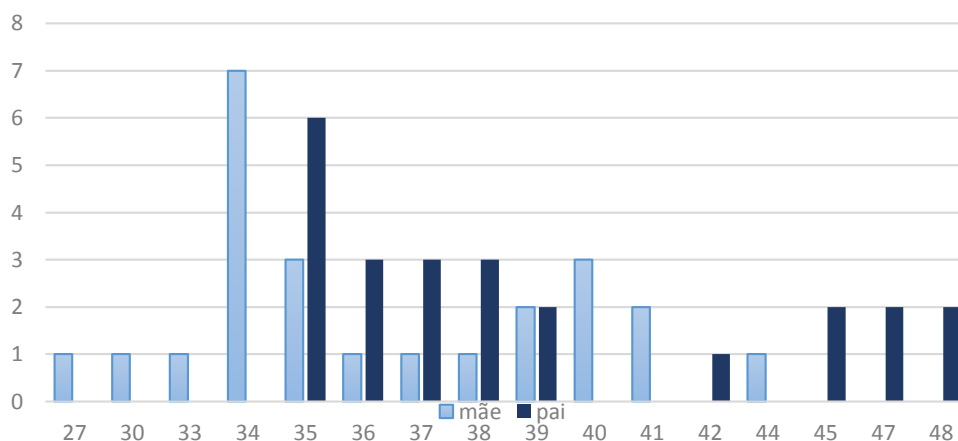


Gráfico 1 - Idade dos pais

Apenas 13 pais (21%), se encontram numa faixa etária superior aos 39 anos. Pode-se pensar que, de forma geral, os pais mais velhos já terão outra experiência de vida, maior maturidade e estabilidade e por vezes maior ansiedade e maior permissividade. Desta forma, as crianças poder-se-ão sentir mais seguras, embora cada caso seja um caso.

No que concerne à formação dos pais, a maioria é constituída por licenciados, 54% dos pais, existindo uma percentagem significativa de mestres, 18.7 %. Sendo de referir, que existe uma maior habilitação literária por parte das mães, embora a diferença não seja muito significativa. De sublinhar no entanto, que nenhum dos progenitores tem habilitação abaixo do 3.º ciclo do ensino básico. De salientar ainda, que uma mãe se encontra em processo de formação (mestrado).

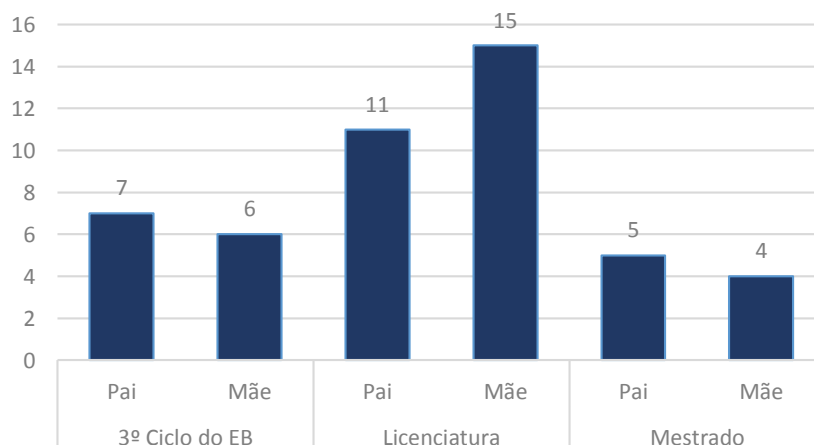


Gráfico 2 – Habilitações académicas dos pais

Assim, neste grupo de pais pode-se verificar que as suas profissões estão maioritariamente ligadas ao setor secundário e terciário, conforme se pode verificar no seguinte gráfico. Regista-se apenas duas mães desempregadas, mas sem carência económica. A disponibilidade que o exercício das profissões deixa para o atendimento às crianças é satisfatória, uma vez que conseguem acompanhar e dar resposta às solicitações dos filhos.

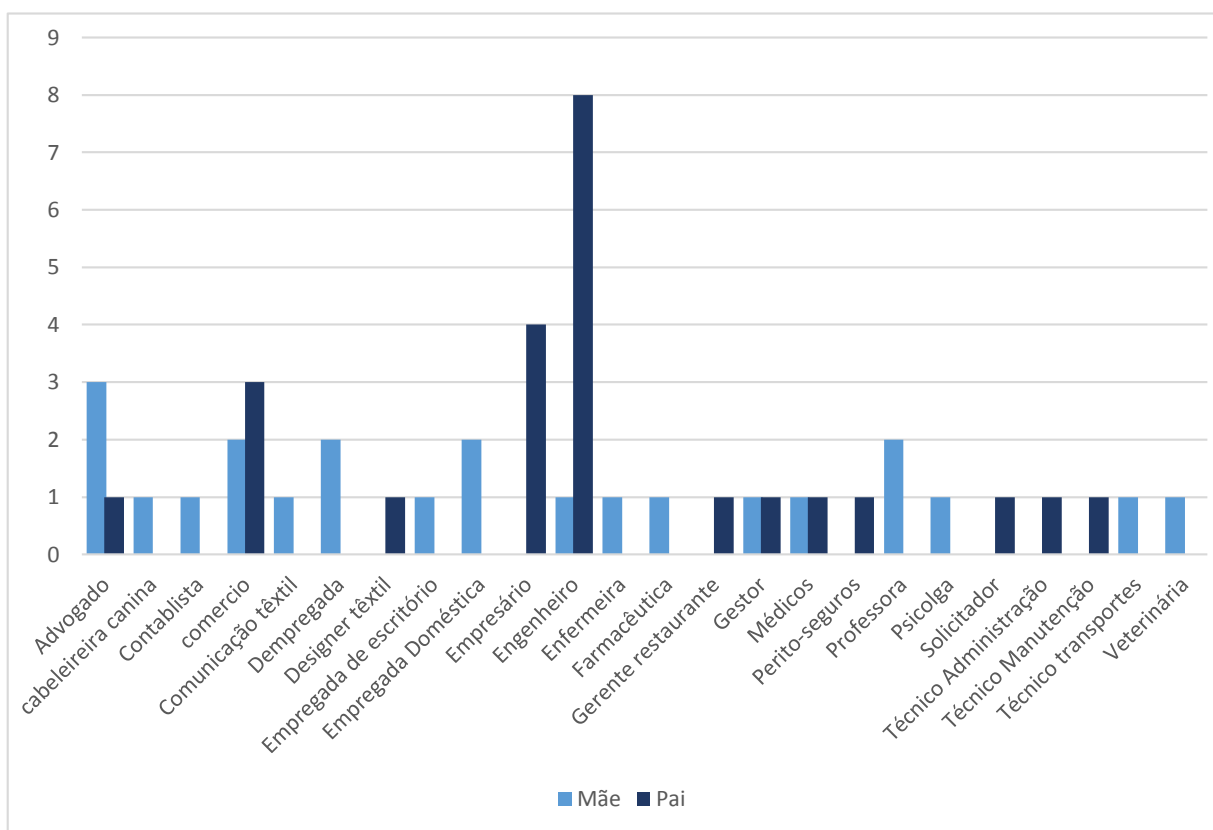


Gráfico 3 - Profissão dos pais

Quanto ao número de irmãos, 5 crianças (21%) não tem irmãos; 17 crianças (71%) têm um irmão e 2 crianças (8%) têm dois irmãos, como pode verificar no seguinte gráfico:

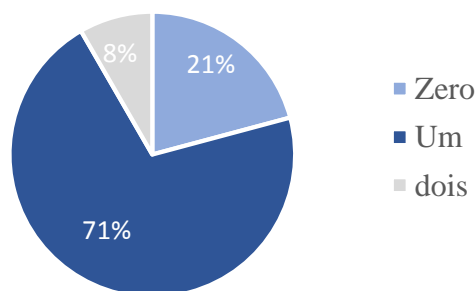


Gráfico 4 - Número de irmãos

Face a esta situação, pudemos observar que algumas crianças com irmãos revelam alguns sentimentos de ciúmes face ao irmão mais novo, retardando o seu crescimento, pois fazem birras não só em casa, como também na escola, e a maioria das crianças tem dificuldade em partilhar. Sendo a falta de partilha comum nestas faixas etárias, é um valor que precisa de ser trabalhado no geral, dado que as crianças revelam muitas dificuldades em partilhar com o outro.

Por outro lado, a criança ao ter um irmão beneficia o desenvolvimento da sua comunicação oral, dado que tem com quem partilhar a informação, promovendo mais oportunidades de interação comunicativa, mas não necessariamente de maior qualidade. No entanto, dada a alta escolaridade das famílias a interação comunicativa com os pais promove essa qualidade e as crianças registam um vocabulário rico, diversificado e construções sintáticas complexas.

Relativamente à interação escola-família, os pais, na ficha de anamnese, referem que gostavam de colaborar nas atividades de sala. De acordo com os dados recolhidos, juntos da educadora de grupo, no ano letivo transato, 18 pais num universo de 24, realizaram um atividade na sala, relacionada com o projeto desenvolvido, sendo que 12 pais realizaram uma atividade de animação de leitura.

4.1.2. Caracterização do grupo

A caracterização do grupo permite-nos observar e compreender o modo como as crianças se desenvolvem entre si, bem como conhecer os seus interesses e necessidades. O grupo é constituído por 24 crianças, sendo que 13 são do sexo feminino e 11 do sexo masculino. As crianças são todas da mesma faixa etária, grupo dos 4 anos, no entanto 8 delas completam os 3 anos, perto do final do ano.

No que diz respeito ao conhecimento do mundo, as crianças são bastante curiosas e gostam de aprofundar temas do seu interesse. Além disso, procuram trazer livros e materiais, relacionados com o tema do projeto, para envolver os amigos e os adultos.

No que concerne à área das expressões, nomeadamente na expressão plástica, verificámos uma grande melhoria no grupo na criação das suas produções artísticas, dado que estas começaram a ganhar forma e a compreender-se intencionalidade comunicativa.

As crianças continuam a gostar de realizar situações de faz-de-conta nas suas brincadeiras, pois tendem a imitar situações do quotidiano, como brincar às famílias, em que distribuem papéis pelos diferentes elementos, fazem comida e, por outro lado, já conseguem representar situações que apenas imaginam e que não têm existência, como imitar os dinossauros e os paleontólogos. Assim, as crianças, “através dos jogos e experiências sensoriais, concretas, concretizadas, tantas vezes nas actividades dramáticas, a criança vai tomando consciência do seu próprio corpo, das suas capacidades e das múltiplas linguagens desse precioso instrumento de relação de que dispõe” (Couto, 2003, p.211) expressam emoções, sentimentos e dão asas à imaginação e à fantasia contribuindo para o desenvolvimento da linguagem e para o alargamento dos quadros mentais. Através do jogo dramático as crianças representam papéis, criando pequenas histórias de situações do quotidiano e do mundo imaginário. Desta forma, a partir destas representações, a criança não se preocupa com o público, vivendo a situação imaginária concretizando-a no seu instinto de transfiguração e assunção do papel de um outro.

As crianças do grupo eram bastantes comunicativas e mesmo aquelas que eram mais inibidas, como o AF, a BC, a LS e o JH começaram a procurar os amigos para falar e brincar, desenvolvendo assim, a expressão oral. Deste modo, as crianças que anteriormente gostavam de brincar individualmente, começaram a procurar o outro e a inclui-lo nas suas brincadeiras, como é o caso da DAC, FB, JH e LS. No entanto, algumas crianças como o AF, a FB, o JH e a LS revelaram ainda alguma dificuldade em falar de forma espontânea na presença de todo o grupo, intervindo apenas quando eram solicitadas pelo adulto. Neste sentido, estas crianças, no momento de pré-leitura e pós-leitura, revelavam dificuldades em participar espontaneamente, pelo que era necessário estimular através de questões a sua participação, de modo a torná-las mais ativas e a ganharem o gosto pela comunicação.

A nível fonológico, o JH apresenta uma grande dificuldade em pronunciar as palavras, como por exemplo “faa” em vez de faca, “aixo” em vez de baixo, “ianha”, para Mariana. Quanto ao VR noto uma evolução na sua linguagem, dado que fala com mais calma e pronuncia melhor as palavras. Esta evolução deve-se ao trabalho efetuado nas atividades de animação de leitura, em que foram utilizadas diferentes estratégias, tais como: audição de histórias, consciência fonológica através da segmentação das palavras em sílabas, jogos de rimas, lengalengas, trava-línguas, entre outros.

Quanto à linguagem as crianças possuem um léxico mais rico e detém estruturas sintáticas mais complexas, como é o caso do AL, DC, DD, FM, LR, ML, MM, RL e PR, consideramos que este facto se deve as habilitações académicas dos pais, pela sua formação e pelo estímulo e acompanhamento dada à criança. Este aspeto permite à criança uma melhor compreensão da história e descrição das ilustrações do livro.

As crianças continuam a gostar de ouvir histórias, pedindo muitas vezes para repetir a história: “podemos ouvir outra vez?”, “Oh, já acabou! Queria ouvir mais uma vez”, “Podemos ouvir só mais uma vez?”, participando nas atividades com entusiasmo e empenho.

No domínio da matemática, o conceito de número começa a organizar-se e as crianças começam a associar as quantidades ao número. As crianças conseguem realizar sequências e padrões complexos sem grande dificuldade à exceção do DO, DD, MARM, que revelam uma dificuldade acrescida em compreender a sequência. Logo, na compreensão das histórias as crianças conseguem perceber a relação de forças no que diz respeito às personagens, à sua quantidade e características físicas e quanto à estrutura que encadeia a narrativa, organizando sequencialmente as imagens apresentadas no reconto da história ou as ações na sua dramatização.

No que diz respeito à noção de tempo, as crianças já começam a dominar, reconhecendo a rotina diária e organizando, sequencialmente, a mesma. Desta forma, nas observações constatámos que as crianças empregam noções temporais nos seus discursos com maior facilidade, como por exemplo: “Hoje é ginástica.”, “Ontem dormi em casa da minha avó.”, “A minha mãe vai ao dentista e eu vou noutra dia.”, “Eu e a LR chegámos ao mesmo tempo.” Deste modo, as crianças conseguem acompanhar os acontecimentos retratados na história, sequencializando-os no tempo, o que é fundamental para estabelecer relação causais entre eles.

A área das TIC é a mais desejada pelas crianças. Este facto deve-se às crianças terem uma aptidão natural para a exploração do meio que as rodeia e curiosidade pelos objetos que fazem parte do seu quotidiano. Neste sentido, nos dias de hoje, as crianças contactam com as novas tecnologias desde muito cedo, o que favorece a relação entre a criança e as histórias. O computador e o *datashow* ao serem utilizados na dinamização da Hora do Conto conseguem prender o interesse das crianças, pelo facto destas poderem visualizar as imagens numa maior dimensão, o que permite um envolvimento maior.

CAPÍTULO III – Metodologia de Investigação

Neste capítulo, iremos apresentar a problemática em estudo, bem como a metodologia utilizada para a realização da componente empírica deste processo investigativo.

Após a apresentação da problemática que preside a esta investigação, caracterizaremos a matriz metodológica adotada, discriminando as técnicas e os instrumentos utilizados na recolha de dados.

5.1.Problemática

A leitura é fundamental para o desenvolvimento do indivíduo a nível pessoal, social e cognitivo. Neste sentido, consideramos necessário adquirir hábitos de leitura desde tenra idade, para um melhor desenvolvimento cognitivo, afetivo e sociomoral, uma vez que, o livro literário permite identificarmo-nos com as personagens e oferece-nos a oportunidade de viajar no tempo e no espaço, do mundo real para o mundo da ficção.

A compreensão leitora através da comunicação oral consiste num processo de grande exigência para a criança, desta forma requer estratégias e recursos para a motivação do público em questão. Neste sentido, consideramos pertinente analisar e aprofundar o papel do educador, como parceiro da promoção da leitura, assim como o estudo de algumas estratégias motivadoras capazes de contribuir para o sucesso de futuros leitores. O objeto de estudo deste trabalho, é identificar e analisar as estratégias e os recursos que os educadores utilizam para promover a hora do conto, com o intuito de motivar as crianças para o gosto das histórias e conseqüentemente, para o desenvolvimento de um gosto pela leitura promotora de uma sensibilidade estética e de uma maior integração social.

Face a esta situação, consideramos pertinente num processo de profissionalização averiguar quais as estratégias que as educadoras utilizam para promover o interesse das crianças pelas histórias, daí surge a seguinte pergunta de partida: “Quais as estratégias e recursos que os educadores utilizam na EPE, para promover a Hora do Conto?”.

É de salientar que a pergunta de partida foi o pilar para a construção deste trabalho, auxiliando-nos a tornar o trabalho mais preciso, a estruturar e a organizar melhor as nossas

reflexões, todos os registos de observação e a progredir nas nossas leituras científicas e pedagógicas.

5.2. Metodologia adotada

A investigação é essencial na educação para que se possa refletir sobre os comportamentos, as atitudes, as maneiras de agir e fazer, bem como saber os aspetos em que será necessário investir, para que se possa originar uma transformação e uma intervenção. Assim, a presente investigação pretende verificar quais as atitudes dos educadores face à dinamização da Hora do Conto, bem como identificar as estratégias e os recursos que utilizam para aproximar as crianças dos livros, para além de outros suportes comunicativos, e a interessarem-se pela leitura.

Antes de iniciar a pesquisa, é essencial definirmos o tipo de metodologia a adotar. Doyle (1978, citado por Pacheco, 1995) “distinguiu dois paradigmas que marcam decisivamente a investigação educativa: o quantitativo e o qualitativo” (Pacheco, 1995, p.14). A investigação quantitativa transforma em números os dados quantitativos, para responder à questão de pesquisa, e “confia na medição numérica, na contagem e frequentemente no uso de estatística para estabelecer com exatidão os padrões de comportamento de uma população” (Sampieri, 2006, p.5). A investigação qualitativa “tem um carácter descritivo, recorre à descrição narrativa dos dados recolhidos através da observação e análise de documentos” (Fortin, 2009, p.32). Além disso, na investigação qualitativa, o investigador está em contacto direto com o contexto. O objeto de estudo insere-se nas situações emergentes do quotidiano do processo educativo “trata-se de investigar ideias, descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspectiva dos actores intervenientes no processo educativo” (Coutinho, 2005, p. 89).

A investigação quantitativa e a qualitativa, apesar de partirem de pressupostos diferentes não são incompatíveis, complementam-se, podendo o investigador recorrer a estas duas metodologias. Assim, o presente estudo é de uma natureza mista, dado que assenta numa tipologia de investigação quantitativa e qualitativa, uma vez que na nossa investigação procurámos não só compreender como funcionam certos comportamentos, atitudes e funções, como também analisámos e transformámos os dados recolhidos em dados quantitativos.

5.1.2. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Ao longo da nossa investigação, recorreremos a diversos instrumentos de recolha de informação. Neste estudo, foram utilizados os seguintes instrumentos de recolha de dados:

- Observação;
- Registos;
- Entrevistas;
- Inquérito por questionário.

Observação

A observação é um método que permite a recolha de informação no exato momento em que sucedem os acontecimentos e comportamentos, possibilitando uma melhor compreensão dos contextos, pessoas e interações. Logo, a observação direta consiste na recolha de informação dos dados através da observação visual, que capta os comportamentos no momento em que eles se produzem. Deste modo, o observador pode selecionar, registar um conjunto de comportamentos e acontecimentos ligados à investigação em estudo, focando-se nas questões e objetivos formulados inicialmente para a investigação. Assim, “o investigador pode estar atento ao aparecimento ou à transformação dos comportamentos, aos efeitos que eles produzem e aos contextos em que são observados” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 197). Através desta técnica foi possível verificar as atividades dinamizadas nas sessões de Hora do Conto, bem como o tipo de participação e envolvimento das crianças nesta atividade.

Registos

Os registos são descritos por Brickman & Taylor (1991) com uma forma “útil de reunir exemplos ilustrativos do desenvolvimento das crianças” (Brickman & Taylor, 1991, p.165). Daí, as notas de campo serem um instrumento metodológico essencial, dado que possibilitam ao investigador reunir e descrever detalhadamente os exemplos observados, bem como focalizar toda a ação produzida pelos indivíduos implicados no estudo no seu contexto de intervenção. Desta forma, elaborámos diferentes registos de observação, descrições diárias, registo de incidentes, registos fotográficos e portefólios

de crianças, que permitiram observar a criança em diversos aspetos, podendo desta forma acompanhar a sua evolução nas aprendizagens, bem como a aproximação da criança com as histórias e o envolvimento delas nas mesmas.

Entrevista

A entrevista permite a recolha de dados verbais, daí “caracterizar-se por um contacto direto entre o investigador e os seus interlocutores” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 193), possibilitando ao entrevistador obter informações sobre determinado assunto. Logo, este método “permite ao investigador retirar das suas entrevistas informações e elementos de reflexão muito ricos e matizados” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 193). Neste sentido, a entrevista foi realizada sob um guião semiestruturado com o intuito de percebermos: a opinião das crianças face à Hora do Conto; os recursos e as estratégias que as educadoras, de uma dada instituição, utilizam na Educação Pré-Escolar, para promover este momento. Assim, através deste método, pretendemos analisar e aprofundar o papel do educador, como parceiro da promoção da leitura.

Inquérito por questionário

O inquérito por questionário possibilita recolher o maior número de dados, uma vez que engloba um “ grande número de pessoas geralmente interrogadas e o tratamento quantitativo das informações” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 190).

No momento da realização do inquérito por questionário, preocupámo-nos em formular questões que não fossem ambíguas, nem originassem diferentes interpretações, por parte dos inqueridos. Também tivemos a preocupação de apresentar as questões de forma organizada e com um vocabulário acessível a todos, para que os inquiridos não tivessem dúvidas no momento do seu preenchimento.

O inquérito por questionário, utilizado na presente investigação, é dirigido a educadores de infância com grupo atribuído. Este é composto por cinco secções: a primeira secção contém quatro questões relativas aos dados pessoais e profissionais dos inquiridos, para que possamos delinear o perfil pessoal e profissional dos participantes; a segunda secção possui dez perguntas fechadas referentes à Hora do Conto, a fim de

percebermos com que frequência e em que circunstâncias os educadores contam histórias, qual o espaço utilizado para dinamizar a Hora do Conto, se a Hora do Conto é apreciada pelas crianças e se só contam contos ou também incluem poesias e rimas infantis na Hora do Conto; a terceira secção tem sete questões respeitantes aos recursos e estratégias a utilizar na Hora do Conto; a quarta secção contém cinco perguntas relativas aos critérios de seleção dos livros a analisar na Hora do Conto; e, por último, a quinta secção possui quatro perguntas referentes à organização e gestão da biblioteca da sala.

CAPÍTULO IV – Apresentação e discussão dos dados de investigação

6.1. Participantes na investigação

Neste estudo caso participou uma amostra de 24 crianças, sendo que eram 13 do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com 3 e 4 anos, da instituição referida. Também foi realizada uma entrevista a três educadoras do estabelecimento de ensino em estudo, das salas dos 3, 4 e 5 anos. Além disso, elaborámos um inquérito por questionário *online* a educadoras/educadores, com grupo atribuído, ao qual responderam 65 educadoras e 1 educador.

6.1.1 Apresentação dos dados recolhidos nas entrevistas

Neste ponto iremos apresentar os dados obtidos nas entrevistas das crianças do grupo em estudo e das educadoras da instituição.

Entrevistas realizadas às crianças

Para percebermos a perspetiva das crianças do grupo, face ao gosto pelas histórias, realizámos uma entrevista semi-estruturada com questões abertas, tendo em conta três momentos: o início, o desenvolvimento e o final da entrevista. A entrevista realizou-se na biblioteca da instituição, no horário da componente letiva.

A entrevista tinha como objetivo: i) averiguar se as crianças gostam de ouvir histórias; ii) averiguar se gostam de ouvir histórias todos os dias, duas, três ou quatro vezes por semana ou só de vez em quando; iii) averiguar se preferem ouvir histórias individualmente, em pequeno grupo ou com o grupo todo; iv) averiguar quais os recursos que as crianças mais apreciam na dinamização da história. A entrevista decorreu em quatro sessões de aproximadamente 15 minutos cada.

No momento da entrevista organizaram-se os grupos das crianças a inquirir. As crianças foram entrevistadas em pequenos grupos, seis elementos por cada grupo, organizados pela ordem alfabética. Assim, as crianças são referidas por E (Entrevistado) e o número temporal da entrevista. Antes de iniciar a entrevista, explicámos o tema desta, bem como o seu objetivo. Neste sentido, formulámos algumas questões orientadoras que operacionalizam os objetivos definidos anteriormente.

Objetivos	Questões orientadoras
Averiguar se as crianças gostam de ouvir histórias	<ul style="list-style-type: none"> • Gostas de ouvir histórias?
Averiguar a frequência com que gostam de ouvir histórias	<ul style="list-style-type: none"> • Gostas de ouvir histórias todos os dias ou de vez em quando? • Preferes ouvir histórias duas, três ou quatro vezes por semana?
Averiguar como preferem partilhar a audição de histórias	<ul style="list-style-type: none"> • Gostas de ouvir histórias sozinho, com poucos meninos ou com os meninos todos da tua sala?
Averiguar quais os recursos que as crianças mais apreciam na dinamização da história	<ul style="list-style-type: none"> • Como gostas que te contem histórias? • Gostas de ouvir histórias dos livros? • Gostas mais de ouvir histórias com fantoches ou com o livro? • Gostas que te contem a história com teatro?

Tabela 1 - Questões orientadoras das entrevistas elaboradas às crianças

A amostra é constituída por 24 crianças, sendo que 13 são do sexo feminino e 11 do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 3 e 4 anos. Assim, 16 crianças têm 4 anos e 8 crianças têm 3 anos.

Este gráfico evidencia o gosto das crianças pelas histórias:

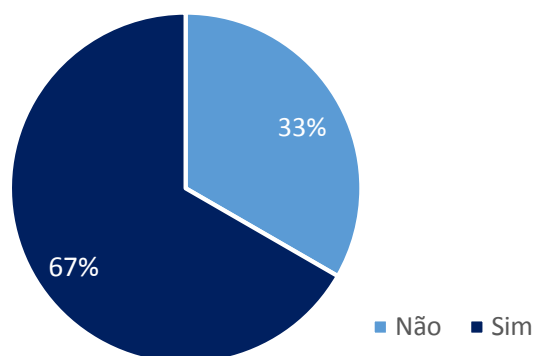


Gráfico 5 - Interesse das crianças pelas histórias

Logo, 16 crianças (67%) apreciam ouvir histórias, enquanto 8 crianças (33%) não. Algumas crianças referem que gostam muito de ouvir histórias: “Adoro que me contem histórias”(E1), “Sabias a minha mãe conta-me muitas histórias e eu gosto muito”(E5), “Gosto de ouvir muitas histórias” (E8), “A minha família conta-me muitas histórias. É tão bom”, enquanto outras referem que não gostam “Eu não gosto de ouvir histórias, prefiro brincar”(E2), “As histórias são seca”(E9), “*Pefio brinca*” (E14).

Neste gráfico está representada a frequência, com que as crianças apreciam ouvir histórias:

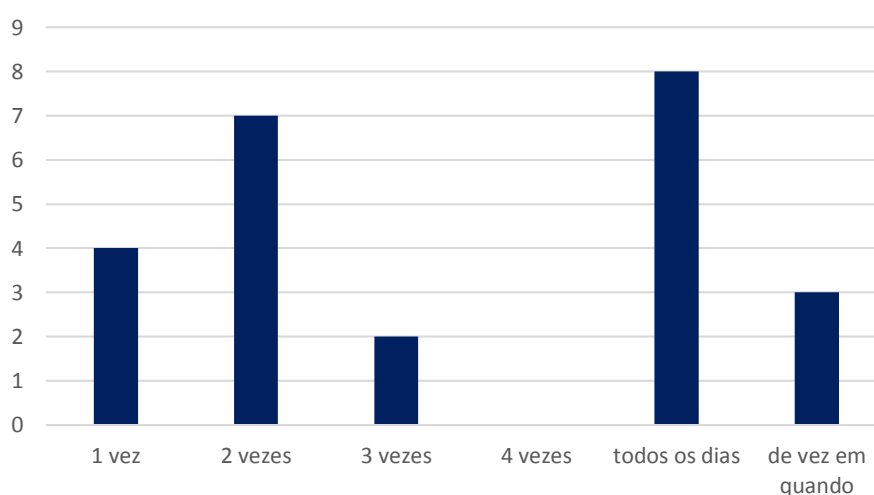


Gráfico 6 - Preferência com que as crianças gostam de ouvir histórias

Assim, 8 crianças (33%) gostam de ouvir histórias todos os dias, 7 crianças (29%) duas vezes por semana, 4 crianças (17%) uma vez por semana, 3 crianças (13%) de vez em quando, 2 crianças (8%) três vezes por semana. Claro que estes quantitativos não são dados fidedignos, uma vez que as crianças ainda não têm uma relação rigorosa com o

tempo, mas de qualquer modo, entre a noção de pouco e muito, permitem-nos perceber o grau de adesão a esta atividade.

Este gráfico indica as preferências das crianças, relativamente à forma como preferem ouvir as histórias:

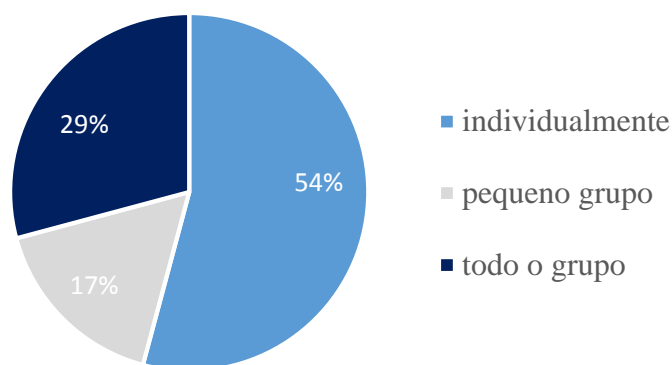


Gráfico 7 - Contexto das histórias

Deste modo, 13 crianças (54%) preferem ouvir histórias individualmente; 7 crianças (29%) com o grupo todo e 4 crianças (17%) em pequeno grupo. As crianças, na entrevista, referem que gostam de ouvir histórias: “sozinha” (E4), “*gosto de ouvir só*”(E14), “eu gosto que me contem histórias só a mim, não gosto de ouvir histórias com os outros” (E18), “não gosto de ouvir histórias com os amigos todos, porque fazem muito barulho”(E5), “com menos meninos eu posso falar mais”(E8), “adoro ouvir história com os meus amigos todos”(E16), “gosto de ouvir histórias com os amigos todos”(E21).

Este gráfico evidencia os recursos utilizados nas histórias, que as crianças mais admiram:

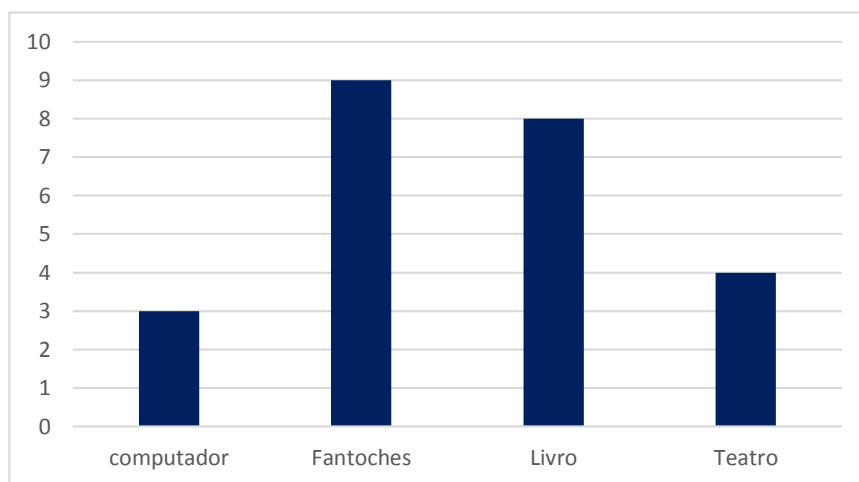


Gráfico 8 - Recursos preferidos pelas crianças

Então, 9 crianças (37%) preferem ouvir história com recurso a fantoches; 8 crianças (33%), através da leitura do livro; 4 crianças (17%), através do teatro de fantoches; e 3 crianças (13%), através de imagens de livros projetadas no computador. As crianças na entrevistas mencionam que gostam “de ouvir histórias do livro” (E3), “eu gosto mais do teatro, porque vejo os bonequinhos a mexer” (E4), “sabes, eu gosto muito que me contem histórias com fantoches, para depois poder brincar”(E8) “eu não gosto nada do livro, não vejo bem as imagens. Prefiro o computador” (E12), “eu gosto de ver as imagens no computador, ficam mesmo grandes” (E13), “eu adoro o teatro, eu tenho muito jeito para fazer teatro, sabes?”(E16), “eu gosto de virar a página do livro”(E18).

Entrevistas realizadas às educadoras

Para percebermos como as educadoras da instituição dinamizam a Hora do Conto e que recursos e estratégias utilizam, elaborámos uma entrevista semi-estruturada. A entrevista realizou-se na sala dos professores, depois da componente letiva. A entrevista foi entregue explicada à educadora e pediu-se que registasse as suas respostas por escrito.

A entrevista tinha como objetivo: i) verificar como os educadores dinamizam a Hora do Conto ii) verificar que recursos utilizam; iii) verificar que estratégias utilizam. Cada entrevista demorou aproximadamente 15 minutos. Antes de iniciar a entrevista, explicámos o tema desta, bem como o seu objetivo. Tal como, as entrevistadas realizadas as crianças, estas foram identificadas com Entrevista Educadora (EE) e o número temporal da entrevista.

A amostra é constituída por três educadoras, do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 30 e os 34 anos. Os anos de serviço variam entre os 5 e os 11 anos.

Seguidamente, apresentaremos os dados recolhidos, transcrevendo as respostas das educadoras entrevistadas.

As educadoras dinamizam a Hora do Conto 1 a 2 vezes por semana, à exceção de uma educadora que dinamiza “2 a 3 vezes” (EE3). A Hora do Conto é dinamizada de acordo com a hora que “está estabelecida nas rotinas das crianças ” (EE2), “no horário estabelecido na rotina das crianças” (EE3) e só uma educadora refere que a hora “é flexível, mas previamente planificada” (EE1).

Todas as educadoras consideram pertinente a existência de uma rotina para a Hora do Conto: “acho extremamente pertinente que haja uma exploração de livros/ histórias previamente estruturada e de forma sistemática, já que a exploração das mesmas não só fomenta o gosto pela leitura e pelo livro, como tem como consequência o desenvolvimento de competências essenciais na formação da criança” (EE1), “para as crianças criarem o hábito de ouvirem histórias e de estarem a contar com o momento da Hora do Conto e a imprevisibilidade da história a ser contada” (EE2), “porque a rotina motiva as crianças para a leitura e abre os horizontes para a criatividade das crianças e, por sua vez vem a originar bons escritores e leitores” (EE3).

As educadoras entrevistadas têm o hábito de contar histórias sempre que as crianças pedem e quanto à Hora do Conto, referem: “semanalmente é planificado um ou mais momentos para a leitura de histórias, contudo procuro responder aos interesses e necessidades das crianças nos diferentes momentos” (EE1), “sempre que as crianças pedem e na hora do conto” (EE2), “sempre que elas pedem e na hora do conto” (EE3).

Todas as educadoras dinamizam a Hora do Conto na sala e na biblioteca, no entanto uma das educadoras, para além destes locais, dinamiza no “exterior” (EE1). As educadoras consideram a Hora do Conto: “essencial. Das atividades mais importantes” (EE1), “importante para futuramente o grupo familiarizar-se com a palavra escrita e com os livros e por sua vez enriquecer e expandir o vocabulário. Além, de serem momentos de sonho e fantasia” (EE2), “fundamental, para as crianças partilharem e enriquecer os seus conhecimentos, e dá a possibilidade à criança de participar ativamente” (EE3).

As educadoras costumam dinamizar a Hora do Conto em grande grupo à exceção de uma educadora que dinamiza tendo em conta “os objetivos propostos, as estratégias utilizadas e o espaço que acontece, logo ocorre em grande ou pequeno grupo e por vezes a pares ou individualmente” (EE1). As educadoras referem que “em pequeno grupo é a forma mais vantajosa em crianças de faixas etárias mais pequenas. À medida que crescem, o grande grupo ocorre também de forma positiva. Estas opções prendem-se essencialmente com a disponibilidade do adulto para todas as crianças e com o período de concentração de cada uma” (EE1), “considero que seria mais benéfico para o grupo se a dinamização da história fosse feita em pequeno grupo, porque é mais fácil chegar a cada criança e prender a atenção das crianças (EE2), “em grande grupo, porque as crianças conhecem as questões e respostas colocadas pelos colegas sobre o conto e torna-se um momento de partilha de informação” (EE3).

Todas as educadoras consideram que a Hora do Conto é apreciada pelas crianças, porque as crianças pedem para ocorrer este momento, “estão bastante envolvidas e motivadas durante o processo” (EE1), “no final pedem para repetir a história e elas por sua vez também gostam de inventar e contar histórias ao grupo” (EE2), ”pelos emoções expressas pelas crianças e a atenção que revelam” (EE3).

Os recursos que as educadoras utilizam para dinamizar a Hora do Conto são: “recursos tecnológicos, livros, fantoches, imagens” (EE1), “computador e o livro” (EE2), “dramatização, livro e data-show” (EE3). No entanto, o recurso que estas mais costumam utilizar são os livros e “computador, com digitalização dos livros em PowerPoint” (EE2). Neste sentido, consideram que o recurso mais motivador para as crianças é o livro e uma das entrevistadas menciona o “tecnológico combinado com o livro” (EE1). Daí, uma das educadoras considerar que “a utilização do livro” (EE1) causa maior impacto nas crianças dado que é possível “explorar de diferentes formas mesmo sem estratégias ou recursos” (EE1). Por outro lado, uma das educadoras considera “o computador, porque é um instrumento que motiva mais as crianças” (EE2) e outra “a dramatização, por ser um recurso que é utilizado poucas vezes” (EE3).

Quanto às estratégias, as educadoras usam “tons de voz diferentes, postura corporal, aromas, cheiros, sons” (EE1), “o suspense e a mimica” (EE2), “música a acompanhar a história, a alteração da voz, o suspense, a incorporar personagens” (EE3). As estratégias que mais utilizam são: a alteração da voz e o suspense.

Os critérios que as educadoras utilizam para a escolha dos livros são: “qualidade” e “adequação à faixa etária” (EE1), bem como o “constar no Plano Nacional de Leitura” e “o tema adequar-se ao projeto que está a ser vivenciados na sala” (EE2). Todavia, às vezes deixam ao critério das crianças a escolha das histórias. Além disso, as crianças “trazem livros relacionados com o tema do projeto, para mostrar aos amigos e contar a história do livro” (EE2) e realizam a “biblioteca vai e vem” (EE1) e (EE3).

Duas educadoras - (EE1) e (EE2) - referem que escolha do livro é condicionada pelo seu custo.

As educadoras consideram que as medidas que o ministério implementou para promover a literatura infantil estão a ter sucesso, “porque há uma maior preocupação com o investimento da leitura através do Plano Nacional da Leitura e a criação da rede de bibliotecas escolares e criação do professor bibliotecário” (EE2). No entanto, uma das

educadoras refere que “deveriam existir ainda mais para promover o acesso aos livros a todos” (EE1).

No que concerne à biblioteca da sala, as educadoras comentam que está adequada aos interesses das crianças “porque é um espaço agradável com diferentes recursos. No entanto, penso que deveria existir uma maior variedade de livros” (EE1), “porque o espaço tem um sofá onde as crianças se podem sentar a consultar os livros” (EE2), “possui uma estante com bastantes livros, bem como sofás para as crianças se sentarem” (EE3). As educadoras costumam levar livros para a biblioteca, a fim de disponibilizarem “mais recursos” (EE1) e possibilitarem “às crianças o contacto com outros livros” (EE2).

As educadoras consideram que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças na “maioria, pelas imagens e temas” (EE1), “pelos temas e as ilustrações que possuem” (EE3). No entanto, uma das educadoras refere que não são do interesse das crianças, mencionando que “existem poucos livros e alguns estão desadequados” (EE2).

Após ouvirmos a opinião das educadoras da instituição em que fizemos o estudo caso, considerámos importante estendermos um questionário a outros educadores para avaliar se as opiniões que recolhemos poderão ou não ser generalizadas.

6.1.2. Apresentação dos dados recolhidos, através do inquérito por questionário

A amostra é constituída por 66 educadores, 65 educadoras (98%) do sexo feminino e 1 educador (2%) do sexo masculino.

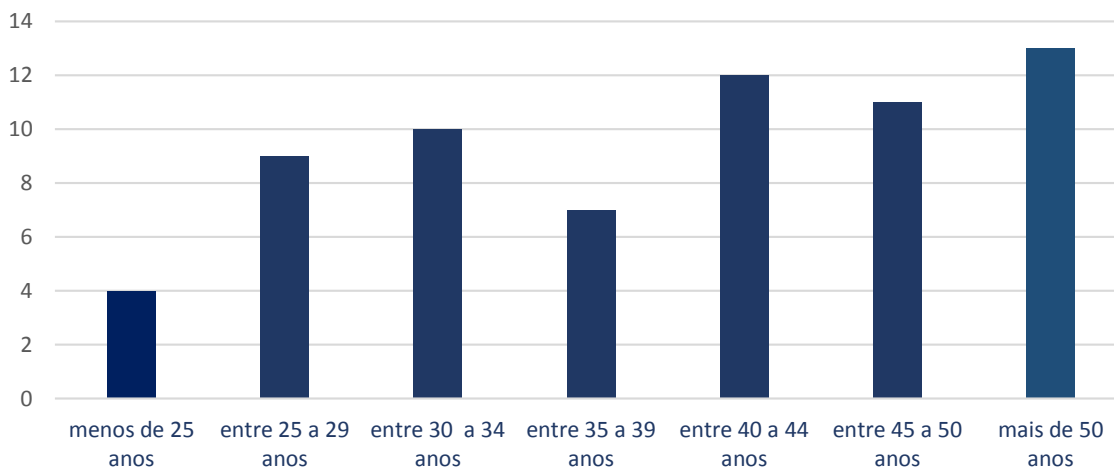


Gráfico 9 - Distribuição dos inquiridos por idade

Conforme é possível observar no gráfico 9, 30 educadores (45%) apresentam idade inferior a 40 anos, sendo que 36 educadores (55%) possuem idade superior a 40 anos. Assim, 4 educadores (6%) têm idade inferior a 25 anos; 9 educadores (14%) entre 25 a 29 anos; 10 educadores (15%) entre 30 a 34 anos; 7 educadores (10%) entre 35 a 39 anos; 12 educadores (18%) entre 40 a 44 anos; 11 educadores (17%) entre 45 a 50 anos e 13 educadores (20%) mais de 50 anos.

No que diz respeito às habilitações académicas dos inquiridos, 38 educadores (58%) possuem licenciatura, 16 educadores (24%) mestrado e 12 educadores (18%) pós-graduação, como evidencia o gráfico 10.

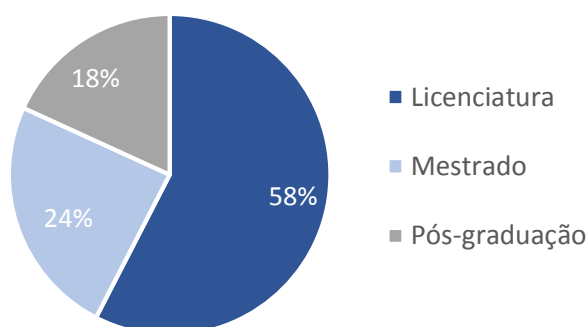


Gráfico 10 - Habilitações académicas dos inquiridos

No que concerne ao tempo de serviço, conforme evidencia o gráfico 11, nenhum dos inquiridos apresenta mais de 40 anos de serviço. Assim, 15 educadores (23%) possuem menos de 5 anos de serviço; 12 educadores (18%) entre 5 a 10 anos; 14 educadoras (21%) entre 10 a 20 anos; 17 educadoras (26%) entre 20 a 30 anos; e 8 educadores (12%) entre 30 a 40 anos.

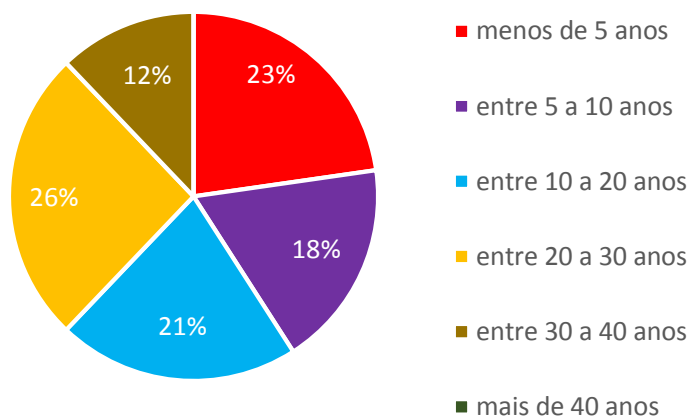


Gráfico 11 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o tempo de serviço

Quando questionámos os educadores sobre a dinamização da Hora do Conto, 62 educadores (94%) responderam que sim.

No que diz respeito à frequência com que dinamizam a Hora do Conto, 25 educadores (40%) dinamizam mais de quatro vezes por semana; 7 educadores (11%), quatro vezes por semana; 11 educadores (18%), três vezes por semana; 6 educadores (10%), duas vezes por semana; e 13 educadores (21%), uma vez por semana, como se pode conferir no gráfico 12.

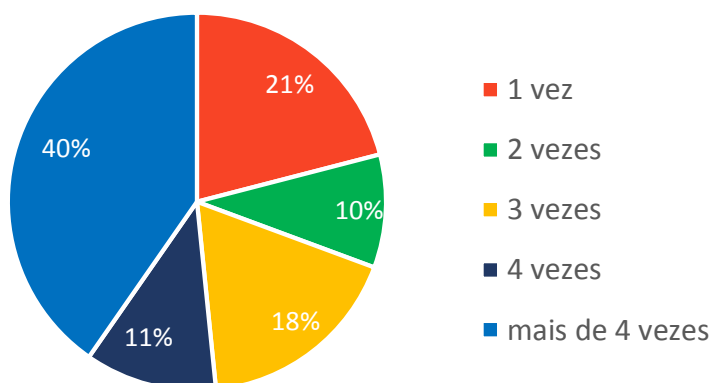


Gráfico 12 - Distribuição dos inquiridos de acordo com a frequência com que dinamizam a Hora do Conto

À questão *A Hora do Conto é dinamizada sempre no mesmo dia e à mesma hora?*, 29 educadores (47%) responderam que sim, enquanto 33 educadores (53%) responderam que não.

Quando questionámos os inquiridos sobre a pertinência de uma rotina para a Hora do Conto, 46 educadores (74%) consideraram que sim, enquanto 16 educadores (26%) consideraram que não.

Dos educadores inquiridos, 56 educadores (85%) contam histórias sempre que as crianças pedem e na Hora do Conto; 6 educadores (9%) sempre que as crianças pedem e 4 educadores (6%) no horário da Hora do Conto, como se pode observar no gráfico 13.

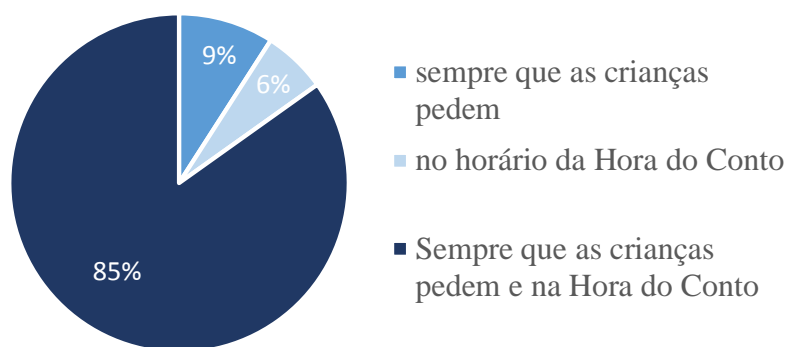


Gráfico 13 - Distribuição dos inquiridos conforme contam histórias

No que diz respeito ao espaço escolhido para dinamizar a Hora do Conto, nenhum dos educadores dinamiza só na biblioteca do estabelecimento, nem só no exterior. Deste modo, 32 educadores (48%) dinamizam na sala; 29 educadores (44%) na sala, na biblioteca do estabelecimento e no exterior; e 5 educadores (8%) na sala e na biblioteca do estabelecimento, conforme se pode conferir no gráfico 14.

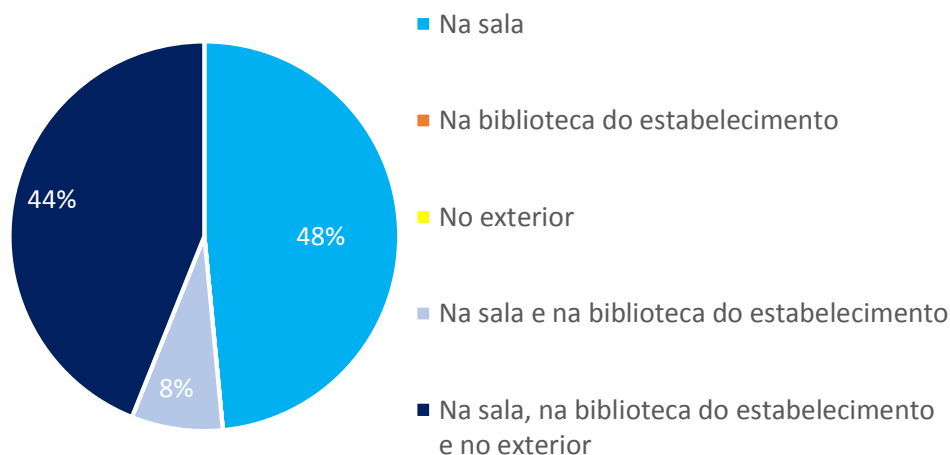


Gráfico 14 - Distribuição dos inquiridos de acordo com o espaço utilizado para dinamizar a Hora do Conto

Através da análise dos inquiridos, verificamos que 59 educadores (89%) contam histórias em grande grupo e 7 educadores (11%) em pequeno grupo e nenhum dos educadores conta histórias individualmente, como se pode observar no gráfico 15 .

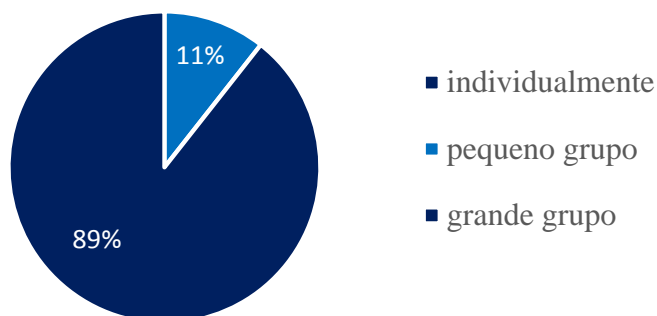


Gráfico 15 - Distribuição dos inquiridos em relação ao contexto em que contam histórias

Todos os inquiridos referem que a Hora do Conto é apreciada pelas crianças.

No que concerne aos recursos utilizados pelos educadores para dinamizar a Hora do Conto, 65 educadores (99%) utilizam o livro, 57 educadores (87%) fantoches, 30 educadores (50%) teatro e 13 educadores (20%) flanelógrafo, como é evidenciado no gráfico 16.

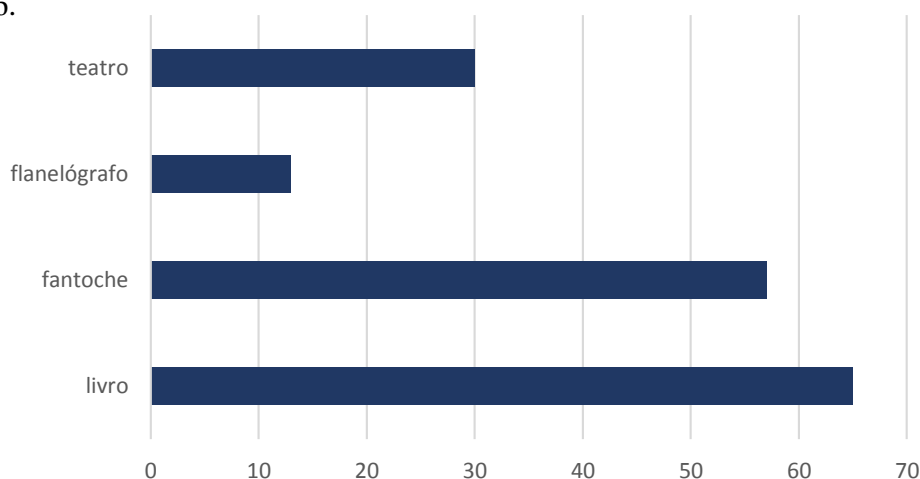


Gráfico 16 - Recursos utilizados pelos inquiridos

De referir que 20 educadores (30%) só utilizam estes recursos mencionados no gráfico 16. Os restantes educadores, para além destes recursos, recorrem a outros. Assim, 25 educadores (38%) utilizam o computador para apresentar histórias em Power Point e video; 7 educadores (11%), utilizam objetos mediadores ligados à história; 5 educadores (8%), recorrem a imagens; 5 educadores (8%), sombras chinesas; 5 educadores (8%), utilizam a música; e 2 educadores (3%), avental de histórias. Sendo de mencionar que o recurso mais utilizado por 47 educadores (71%) é o livro; 12 educadores (18%), o computador; 4 educadores (6%), os fantoches; 2 educadores (3%), o avental de histórias; e 1 educador (2%), objetos, como se pode observar no gráfico 17.

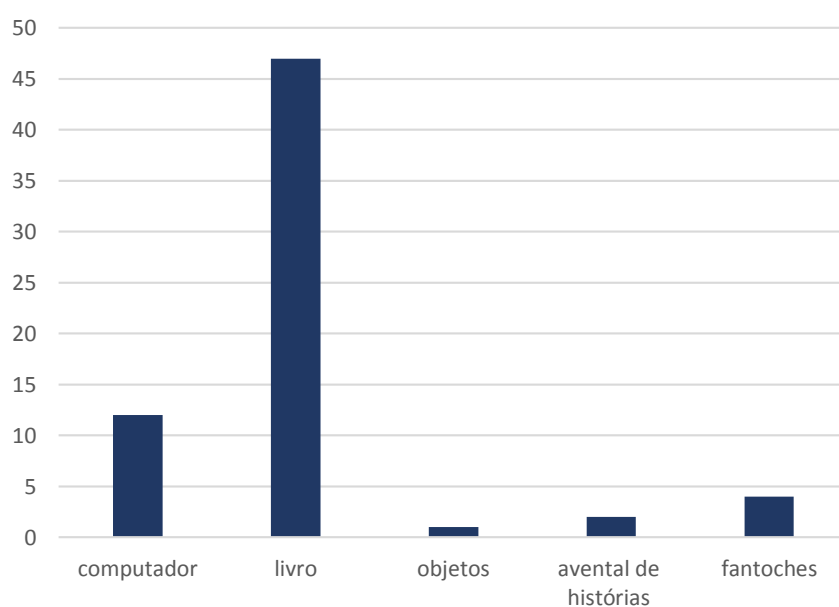


Gráfico 17 - Recurso mais utilizado para contar histórias

Contudo, 19 educadores (29%) consideram que o livro é o recurso mais motivador para as crianças; 19 educadores (27%), os fantoches; 15 educadores (23%), o teatro; 8 educadores (12%), as imagens; 4 educadores (6%), o computador; e 2 educadores (3%), os objetos.

À questão *Que estratégias costumam utilizar para dinamizar a Hora do Conto?*, os educadores referem o seguinte:

<i>Leitura dramatizada</i>
<i>Entoação diferente da voz</i>
<i>Mímica</i>
<i>Colocar vários elementos da história numa caixa surpresa</i>
<i>Convidar os pais a participarem na Hora do Conto</i>
<i>Mudar o ambiente da sala</i>
<i>Crianças contam a história</i>
<i>Começar por contar a história a poucas crianças (quem quiser, pode juntar-se; quem não quiser, não é obrigado)</i>
<i>“Suspense”</i>
<i>Improvisação da história com a ajuda de fantoches</i>
<i>Deixar o grupo decidir a história a ser lida (pode ser trazida de casa)</i>
<i>Por cada parágrafo que leio faço uma pausa e espero a intervenção do grupo, a partir desta surge a espontaneidade e a imaginação de cada um, ou seja, criamos várias histórias a partir da história. Se for uma rima utilizamos palavras escolhidas pelo grupo e a partir delas criamos novas frases.</i>

Tabela 2 - Estratégias identificadas pelos inquiridos no momento da Hora do Conto

Assim, 44 educadores (67%) referem a entoação diferente da voz; 14 educadores (21%), *suspense*; 5 educadores (8%), leitura dramatizada; e 3 educadores (4%), as crianças escolhem a história.

A maioria dos educadores, 63 educadores (95%), considera que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças, enquanto que 3 educadores (5%) entendem que não.

Os critérios que os educadores utilizam para selecionar os livros a dinamizar na Hora do Conto são os seguintes:

<i>Adequação à faixa etária das crianças</i>
<i>O texto integrar o Plano Nacional de Leitura</i>
<i>Adequação da ilustração e do texto verbal aos interesses das crianças</i>
<i>Livros que vão de encontro aos projetos que estão a ser desenvolvidos na sala, conteúdos e temas que estão a ser trabalhados</i>
<i>A empatia do educador pela história</i>
<i>Edições recentes</i>
<i>História apelativa com valores pertinentes</i>
<i>Texto com uma assinalável dimensão estética</i>

Tabela 3 - Critérios usados pelos inquiridos para a escolha dos livros

De referir que só 3 educadores (5%) mencionam o Plano Nacional de Leitura, sendo que 30 educadores (45%) escolhem os livros com base nos projetos e temas que estão a ser trabalhados. Todavia, 62 educadores (94%) deixam também ao critério das crianças a escolha dos livros, enquanto que 4 educadores (6%) não.

É de mencionar que as crianças que integram as salas de 65 educadores (98%) têm o hábito de trazer livros de casa para a escola.

As maioria dos educadores, 35 educadores (53%), afirma que a escolha do livro não é condicionada pelo preço.

Quanto à biblioteca da sala, 52 educadores (79%) consideram que este espaço está adequado aos interesses das crianças. Contudo, 59 educadores (89%) costumam levar livros para a biblioteca.

À questão *Considera que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças?*, 60 educadores (90%) consideram que sim.

6.1.3. Análise dos dados recolhidos

Depois de apresentarmos os dados recolhidos, torna-se importante procedermos à análise qualitativa do conteúdo.

No que concerne ao gosto pelas histórias, 16 crianças (67%) referem gostar de ouvir histórias. Além disso, 3 crianças (13%), mencionam que gostam de ouvir histórias de vez em quando; 4 crianças (17%), uma vez por semana; 7 crianças (29%), duas vezes por semana; 2 crianças (8%), três vezes por semana; e 8 crianças (33%), todos os dias. Por sua vez, duas das educadoras entrevistadas da instituição mencionam que dinamizam a Hora do Conto uma a duas vezes por semana e uma das entrevistadas refere que dinamiza duas a três vezes. Dos educadores inquiridos, 62 educadores (94%) dinamizam a Hora do Conto. Destes, 13 educadores (21%), dinamizam a Hora do Conto uma vez por semana; 6 educadores (10%), duas vezes por semana; 11 educadores (18%), três vezes por semana; 7 educadores (11%), quatro vezes por semana; 25 educadores (40%) mais de quatro vezes. De acordo com os resultados obtidos, concluímos que a quase totalidade dos educadores da nossa amostra valoriza as histórias e reconhece a importância das mesmas ao dinamizar a Hora do Conto. Deste modo, na nossa prática pedagógica, pelo facto de considerarmos que as histórias desempenham um papel importante para o desenvolvimento da criança na linguagem, no raciocínio lógico, na sequencialidade e na aquisição de noção de espaço temporal, dinamizámos a Hora do Conto duas a três vezes por semana, de quarta-feira a sexta-feira, para aproximar as crianças com regularidade do contacto com as histórias.

À questão *A Hora do Conto é dinamizada sempre no mesmo dia e à mesma hora?*, duas das educadoras entrevistadas responderam que sim, enquanto que uma das educadoras refere ser flexível. Por sua vez, 29 educadores inquiridos (47%) responderam que sim. No entanto, todas as educadoras entrevistadas consideram importante a existência de uma rotina para a Hora do Conto, bem como 46 educadores inquiridos (74%). Assim, podemos concluir que apesar de nem todos os educadores dinamizarem a Hora do Conto no mesmo dia e à mesma hora, estes consideram essencial a existência de uma rotina, tal como defende Albuquerque (2000, p. 26). Nesta linha de pensamento, procurámos dinamizar as sessões de Hora do Conto no horário estabelecido na rotina das

crianças, para que estas se fossem familiarizando com este momento e aguardassem por este momento para ter o contacto com as histórias. Contudo, consideramos essencial que para além da Hora do Conto fazer parte da rotina do jardim de infância, é necessário dedicar todos os dias um período de tempo à leitura, tal como defende Rueda (2005, p.75). Neste sentido, contamos histórias não só nas horas destinadas na rotina das crianças à Hora do Conto, mas também quando o grupo pedia e quando considerávamos pertinente nas atividades do grupo.

As educadoras entrevistadas contam histórias sempre que as crianças pedem e na Hora do Conto. Dos educadores inquiridos, 56 educadores (85%) referem contar histórias sempre que as crianças pedem e na Hora do Conto; 6 educadores (9%), sempre que as crianças pedem; e 4 educadores (6%), no horário da Hora do Conto. Deste modo, podemos verificar que a maioria dos educadores deste estudo contam histórias sempre que as crianças pedem e na Hora do Conto. Logo, os educadores sentem uma necessidade de contar constantemente histórias e apenas uma minoria da nossa amostra, 6 educadores inquiridos (9%), só contam histórias quando as crianças pedem, o que nos leva a crer que as histórias não fazem parte da rotina das salas destes educadores. Ao longo da nossa intervenção, as histórias foram uma prática constante quer para abordar temas do projeto da sala, quer para incutir no grupo valores, diversão, fantasia e partida para mundos imaginários, que contribuíram para as crianças associarem o ouvido à sua memória vivencial e se identificarem com as personagens.

Quanto ao espaço escolhido para dinamizar a Hora do Conto, duas das educadoras entrevistadas realizam este momento na sala e na biblioteca, enquanto que a outra educadora, para além destes locais, dinamiza no exterior. Dos educadores inquiridos, 32 educadores (48%), realizam esta atividade na sala; 29 educadores (44%), na sala, na biblioteca do estabelecimento e no exterior; e 5 educadores (8%), na sala e na biblioteca. Neste sentido, a maioria dos educadores envolvidos neste estudo opta por realizar a Hora do Conto na sala do jardim de infância. Assim, no decorrer da nossa intervenção, procurámos dinamizar este momento em diferentes contextos: na sala, na biblioteca da instituição, no recreio e no pavilhão, para que as crianças tivessem noutra ambiente que permitisse abrir portas para a imaginação e fantasia. Se realizármos este momento na sala, onde se trabalha, é bastante mais cómodo e confortável para o educador, mas a necessidade de abrir portas à fuga à rotina, implica a realização deste momento noutros

locais que permitem aos leitores aproximarem-se das histórias e partirem para mundos imaginários.

No que concerne, ao número de ouvintes no momento da história 13 crianças (54%) referem preferir individualmente; 7 crianças (29%), com todo o grupo; e 4 crianças (17%), em pequeno grupo. Todavia, duas das educadoras entrevistadas costumam dinamizar a atividade em grande grupo, enquanto que a outra educadora menciona que depende da atividade e dos objetivos propostos. Dos educadores inquiridos, 59 educadores (89%) contam histórias em grande grupo e 7 educadores (11%) em pequeno grupo. Neste sentido, podemos verificar que apesar das crianças, deste estudo, preferirem ouvir histórias individualmente, poucos são os educadores, neste estudo, que realizam essa prática, dado que tendem a contar histórias em grande grupo. Ao longo das nossas intervenções, procurámos dar uma atenção individual às crianças, porque todas as crianças gostam de se sentir “seres únicos”, que a educadora lhes preste um olhar atento e que esteja a contar histórias só para elas. Além disso, quando as crianças escolhiam a área da biblioteca, procurávamos contar histórias individualmente, do interesse de uma criança em particular, de forma a que cada uma se sentisse única e especial.

É de referir que dinamizámos sessões de Hora do Conto quer em grande, quer em pequeno grupo, tendo em atenção o conteúdo e a dimensão da história, possibilitando às crianças o contacto com as histórias em diferentes contextos. Todos estes fatores contribuíram para as crianças se aproximarem e gostarem de ouvir histórias, colocarem questões sobre as histórias, aguardando por este momento com entusiasmo.

No que diz respeito aos recursos utilizados na Hora do Conto, todos os educadores entrevistados e inquiridos neste estudo consideram que a Hora do Conto é apreciada pelas crianças e para isso contribuem os recursos utilizado. Assim, as educadoras entrevistadas recorrem aos seguintes materiais: recursos tecnológicos (computador, *datashow*), livros, imagens, fantoches e dramatização. Por sua vez, os educadores inquiridos referem utilizar os seguintes recursos: livro, fantoche, teatro, flanelógrafo, computador, objetos ligados à história, imagens, música, sombras chinesas, e avental de histórias. Destes recursos apresentados, duas das educadoras entrevistadas dizem recorrer mais ao livro e outra ao computador. Dos educadores inquiridos, 47 educadores (71%) usam o livro; 12 educadores (18%), o computador; 4 educadores (6%), fantoches; 2 educadores (3%), avental de histórias; e 1 educador (2%), objetos da história. No entanto, duas das educadoras entrevistadas consideram que o recurso mais motivador para as crianças é o

livro, sendo que uma das educadoras refere as tecnologias combinadas com o livro. Dos educadores inquiridos, 19 educadores (29%) consideram o livro; 18 educadoras (27%), os fantoches; 15 educadores (23%), o teatro; 8 educadores (12%), as imagens; 4 educadores (6%), o computador; e 2 educadores (3%), os objetos. Contudo, quando questionamos as crianças desta amostra, sobre como gostam de ouvir histórias, 9 crianças (37%) referiram preferir os fantoches; 8 crianças (33%), o livro; 4 crianças (17%), o teatro; e 3 crianças (13%), o computador. Após a análise destes dados, concluímos que o recurso mais utilizado pelo educadores é o livro, embora nem todos o considerem como recurso mais atrativo para as crianças. É de referir que apenas 8 crianças (33%) preferem este recurso.

É de salientar também, que os educadores recorrem com mais frequência ao livro, por ser um recurso prático e por ser de fácil acesso. Todavia, ao longo das nossas intervenções reparámos que, ao fornecermos diferentes recursos às crianças, isto possibilitou uma melhor interpretação das histórias e uma evolução da qualidade da comunicação verbal. Assim, através do flanelógrafo, o grupo teve uma melhor perceção da entrada e saída das personagens, bem como da deslocação das personagens no espaço e da interação entre elas; a partir do teatro de fantoches, as crianças observaram a entrada e saída das personagens em cena; interpretaram a movimentação, o tom de voz, para além da comunicação verbal centrada nas falas; e através do avental as personagens surgiam do bolso do mesmo o que suscitou *suspense* no grupo, por não preverem qual a personagem que iria aparecer. Tal como no flanelógrafo, as crianças também foram compondo cenários e identificando as interações das personagens. Importa referir também que os recursos têm de ser adaptados às características das histórias, pois as histórias que são essencialmente descritivas, por exemplo, não requerem a utilização do flanelógrafo ou fantoches, mas sim de imagens e de leitura de um texto verbal; um texto em que se refere a tempo longínquo não requer a utilização de fantoches, muito situados num presente em que agem perante o público, mas sim sombras chinesas que nos possibilitam a ilusão de regredir no tempo. Deste modo, é fundamental mencionar que o texto é que comanda os recursos a serem utilizados na dinamização da história e nenhum dos educadores referiu a necessidade de adequação do recurso às características das histórias.

No que concerne às estratégias utilizadas, as educadoras entrevistadas recorrem: à modulação diferente da voz, à utilização dos códigos quinésicos e cinéticos, ao *suspense*, à mímica, à música e incorporam as personagens. Os educadores inquiridos

costumam utilizar as seguintes estratégias: leitura dramatizada, entoação diferente da voz, mímica, colocar vários elementos da história numa caixa surpresa, convidarem os pais a participarem na Hora do Conto, mudar o ambiente da sala, as crianças contar a história, entre outras. Todavia, as educadoras entrevistadas recorrem mais ao *suspense* e à modificação da voz, enquanto que 44 dos educadores inquiridos (67%), referem a entoação diferente da voz; 14 educadores inquiridos (21%), o *suspense*; 5 educadores inquiridos (8%), a leitura dramatizada; e 3 educadores inquiridos (4%), as crianças escolhem a história. Logo, a partir destes dados verificamos que os educadores que participaram neste estudo incentivam sobretudo a previsão através do *suspense* e da alteração da voz, para despertar a atenção das crianças e para estas continuarem a ouvir a história. De mencionar também, que os educadores ao incorporarem as personagens, ao movimentarem-se de acordo com a gestualidade das personagens, ao mostrarem imagens, ajudam as crianças a elaborar o quadro mental que lhes permite acompanhar as histórias. (Corcoran & Evans citado por Colomer, 1998, p. 75). Todos estes fatores contribuem para auxiliar as crianças a saírem do espaço em que se encontram e a entrarem no mundo da história, a sentirem-se próximas das personagens e a vivenciarem emoções que a história lhes transmite.

Quanto aos critérios utilizados pelos educadores para a escolha dos livros a analisar na Hora do Conto, uma das educadoras entrevistadas refere a qualidade e a faixa etária, enquanto que as outras educadoras mencionam o Plano Nacional de Leitura e o tema dos projetos a serem vivenciados na sala. No entanto, às vezes deixam ao critério das crianças a escolha do livro. Os educadores inquiridos referem a faixa etária das crianças, o Plano Nacional de Leitura, ilustração e adequação da história aos interesses das crianças, interesse do grupo, livros que vão de encontro aos projetos, conteúdos e temas que estão a ser trabalhados, entre outros. É de salientar que dos educadores inquiridos, só 3 (5%), referem recorrer ao Plano Nacional de Leitura, sendo que 30 educadores inquiridos (45%) escolhem os livros a trabalhar com base nos projetos e temas que estão a ser vivenciados nas salas de jardim de infância. Dos educadores inquiridos, 62 educadores (94%) deixam a escolha dos livros ao critério das crianças. Desta forma, a escolha do livro recaí essencialmente sobre aqueles que abordam os temas do projeto que os educadores trabalham na sala, sendo sobretudo de informação, não cumprindo, normalmente, a dimensão estética e simbólica que alimenta a alma.

As educadoras entrevistadas referem que as crianças trazem livros de casa relacionados com o tema do projeto, para a escola. Também 65 educadores inquiridos (98%) referem que as crianças trazem livros de casa para a escola. Os educadores assinalam a importância de integrar na intervenção educativa os livros trazidos pelas crianças, para fomentar esta aproximação do leitor com os livros. Deste modo, o educador surge como mediador, sendo alguém capaz de descodificar o sentido verbal e as crianças aguardam a leitura da história.

Quando questionámos os educadores sobre se a escolha do livro é condicionada pelo seu custo, uma educadora entrevistada refere que não, bem como 35 educadores inquiridos (53%). Deste modo, os educadores tendem a investir em livros para as salas, se estes forem de encontro ao tema do projeto a ser trabalhado. Logo, se o livro é sobre o tema do projeto, parece que os educadores precisam daquela informação e aí não olham a custos. Todavia, os educadores devem ter cuidado com a visão utilitária do texto, que mundo seria este, se ouvíssemos e trabalhassemos só sobre um tema?. Logo, se o tema do nosso projeto é sobre os dinossauros, não vamos ouvir, ler e dinamizar todas as atividades em torno desta temática, porque aí o projeto em vez de abrir o mundo, fecha o mundo, e esse não é o objetivo. Neste sentido, tivemos a preocupação de dinamizar Horas do Conto com diferentes temas e valores, para abrir portas ao conhecimento e à imaginação das crianças.

No que diz respeito à biblioteca da sala, as educadoras entrevistadas consideram que este espaço se encontra adequado aos interesses das crianças, embora uma educadora considere que deveria existir uma maior variedade de livros. Todavia, 14 educadores inquiridos (21%) consideram que esta não está adequada aos interesses das crianças. Duas das educadoras entrevistadas consideram que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças, assim como 60 educadores inquiridos (90%). Deste modo, averiguamos que uma minoria dos inquiridos: uma das educadoras entrevistadas e 6 educadores inquiridos (10%), entendem que os livros expostos na biblioteca da sala não são do interesse das crianças. Por isso, todas as educadoras entrevistadas costumam levar livros para a biblioteca da sala, no entanto, mesmo assim, 7 educadores inquiridos (11%) referem não levar. Assim, podemos constatar que grande parte dos educadores tendem a levar livros para a biblioteca da sala para minorar a sua insuficiência o que possibilita um enriquecimento desta área, bem como a promoção do contacto da criança com outras obras. Todavia, verificámos que as educadoras geralmente não têm verbas disponíveis

para renovar os livros da biblioteca da sala e quando às há, geralmente são atribuídas outras prioridades.

Através da observação direta, verificámos ainda que as crianças sabiam qual era o dia destinado à leitura, estabelecido na rotina do grupo, momento esse que algumas crianças esperavam ansiosamente, manifestando-o através de palavras e expressões faciais. No entanto, a partir dos nossos registos, averiguámos que as crianças nas atividades de escolha livre, não escolhiam a área da biblioteca da sala. Além disso, ao longo do tempo, constatámos que existiam crianças que não revelavam interesse pelas histórias, apresentando sinais de desinteresse e falta de atenção nos momentos da Hora do Conto.

Face a esta situação, pensámos em dinamizar algumas Horas do Conto que estimulassem e aproximassem as crianças com as histórias, através da utilização de diferentes recursos. Assim, através da novidade de alguns recursos utilizados, como o flanelógrafo, as crianças envolveram-se nas histórias, participando com entusiasmo no reconto. Além de que tiveram uma melhor perceção da entrada e saída das personagens AL: “no início todos os porquinhos estavam juntos, mas depois sai os porquinhos e só fica o porquinho vitor que vai passear com o ratinho”; como também a noção do movimento realizado pelas personagens no espaço DC: “o porquinho foi para onde está o lago, pa ajudar a raposa matreira”. Através do avental, as crianças ficaram deslumbradas ao observarem as personagens a saírem do bolso deste, o que captou a atenção das crianças para a história. Também é de referir que algumas crianças expressaram emoções face *suspense* introduzido e de admiração face às personagens que surgiam.

Nesta linha de pensamento, é de mencionar que, em algumas sessões da Hora do Conto, notámos que a história provocava nas crianças momentos de riso, de tristeza, de medo e de divertimento. Estes momentos permitiram trocas de ideias e partilha de informação. Por outro lado, as histórias permitiram que as crianças vivessem, sentissem as emoções das personagens, identificando as suas emoções e a dos outros ao ouvirem a história, LR: “o JH está com medo”, DC: “ahah... a formiga pequenina é a mais forte”; MM: “a DAC está com medo da cabra”, FM: “a formiga pequenina é a mais forte”. Desta forma, as crianças experimentam as emoções, criando empatia com as personagens e acabam por ultrapassar o próprio medo, com o medo das personagens.

Ao longo do tempo, verificámos uma evolução significativa no discurso oral das crianças, quer na utilização de novos vocábulos, quer na elaboração de estruturas frásicas complexas, aquando do reconto da história. Progressivamente, reparámos que as crianças começaram a descrever com mais detalhes a história ouvida, ou seja, desenvolveu-se a sua capacidade análtica e a sua memória a médio prazo, bem como a sua capacidade de estruturação causal.

É de referir que o facto dos materiais utilizados na Hora do Conto ficarem disponíveis na biblioteca, para as crianças explorarem, acabou por atrair as crianças àquela área da sala que estava a ser pouco frequentada. Estes recursos permitiram ainda às crianças a criação de novas histórias. Por outro lado, o facto de irmos para a biblioteca durante as atividades livres das crianças, para contar histórias e explorar juntamente com as crianças livros, também levou o grupo a procurar mais esta área, bem como a desenvolver o gosto pelas histórias e pela leitura.

6.2. Considerações Finais

Este estudo contribui para uma profissionalidade mais reflexiva e para que compreendêssemos melhor a importância das histórias na vida das crianças, bem como o papel do educador como mediador de leitura. Assim, foi nosso objetivo investigar que estratégias e recursos utilizam alguns educadores, no jardim de infância, para dinamizar a Hora do Conto. Através da análise dos dados recolhidos, verificámos que os educadores deste estudo recorrem preferencialmente ao uso do livro e do computador, contudo uma minoria recorre aos fantoches, ao avental de histórias e aos objetos da história, para promover o contacto entre a criança e as histórias. Deste modo, os educadores na Hora do Conto recorrem preferencialmente ao livro e ao computador, por ser de fácil acesso e tudo aquilo que requer tempo e exige a construção dos materiais requer uma disponibilidade do educador que ele geralmente não apresenta. O mesmo acontece com as estratégias a utilizar neste momento, assim as estratégias que as educadoras deste estudo mais utilizam para captar o interesse das crianças na Hora do Conto são a alteração da voz e o *suspense*, recorrendo, assim, apenas as estratégias mais espontâneas.

Quanto às bibliotecas de sala, estas são frágeis, possuem poucos recursos e os livros muitas vezes não são do interesse das crianças. Além disso, os educadores não tendem a investir nesta área, trazendo sobretudo livros que advêm de bibliotecas,

particulares quando existem filhos pequenos, porque não há, como já referimos, na maior parte das vezes, investimento, a não ser em livros do tema do projeto.

Face a estes constrangimentos no decorrer do estágio, precebemos que se as educadoras tivessem uma maior preocupação com a biblioteca, um maior investimento na Hora do Conto, a situação alterava-se. Assim, constatámos que, a partir de uma intervenção mais sistemática, as crianças que diziam não gostar de histórias passaram a manifestar esse gosto; a competência linguística das crianças aumentou, bem como a sensibilidade estética e a interpretação das emoções. De mencionar também, que mesmo as crianças com Necessidades Educativas Especiais, mais concretamente três crianças com autismo, se sentiram entusiasmadas, envolvidas na história e responderam positivamente, através da utilização de novos recursos na Hora do Conto. Daí, ser fundamental que o educador disponibilize às crianças o contacto com diferentes recursos na Hora do Conto, quer para aproximar as crianças das histórias, quer para o seu desenvolvimento cognitivo, emocional e comportamental.

Na promoção e aproximação das histórias com às crianças, para além da escola, os familiares também desempenham um papel primordial. Desta forma, algumas educadoras deste estudo referem o envolvimento das famílias na dinamização da Hora do Conto. Na nossa prática pedagógica, procurámos desenvolver um trabalho em parceria com os pais e famílias, envolvendo-os nas atividades da sala. Além de que convidámos alguns pais e familiares a promoverem a Hora do Conto, no jardim de infância, para que as crianças tivessem contacto com outros contadores de histórias. Por sua vez, a família sente-se mais envolvida no processo educativo e os pais passam a sentir-se implicados no PE dos filhos.

Esta investigação permitiu reconhecer a importância da Hora do Conto e o peso que as histórias desempenham na vida de uma criança, bem como a relevância do uso de estratégias e de recursos para o desenvolvimento integral das crianças, que permitiram o desenvolvimento de competências linguísticas, de emoções, de sentimentos, de partilha de informação. Neste sentido, gostaríamos que a nossa investigação/ação suscitasse nas educadoras o desejo de continuarem a plantar e a colher o que semeamos, bem como incentivasse em todos os educadores a vontade de investir na Hora do Conto, pois estamos convictos de que esta experiência será benéfica para o desenvolvimento das crianças.

Em síntese, o estágio foi uma experiência enriquecedora que nos permitiu compreender a importância e o papel das histórias no desenvolvimento das crianças em contexto de jardim de infância. Terminámos este percurso com esperança de que os educadores mudem a sua atitude face à dinamização da Hora do Conto e, também, com esperança de que nós, futuros educadores, levemos alguma energia positiva para os jardins de infância e que façamos a diferença na aproximação das crianças com as histórias. Assim, desejamos que educadores, pais e familiares ganhem consciência do valor e do contributo das histórias para o desenvolvimento integral da criança.

Referências Bibliográficas

Albuquerque, F., (2000). *A hora do conto: reflexões sobre a arte de contar histórias na escola*. Lisboa: Editorial Teorema.

Bastos, G., (1999). *Literatura Infantil e Juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.

Brickman, N., & Taylor, L., (1991). *Aprendizagem Activa: ideias para o apoio às primeiras aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cavalcanti, J., (2002). *Caminhos da literatura infantil e juvenil*. Brasil: Paulus.

Cavalcanti, J., (2014). *História no Feminino: a influência das narrativas na construção identitária das mulheres*. Brasil: Miguilim.

Cervera, J., (1992). *Teoria de la Literatura infantil*. Bilbao: Ediciones Mensajero.

Colomer, T., (1998). *La formación del lector literário: Narrativa infantil y juvenil actual*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.

Coutinho, C., (2005). *Percursos da investigação em tecnologia educativa em Portugal: Uma abordagem temática e metodológica a publicações científicas*. Braga: Universidade do Minho.

Couto, J., (2003). Potencialidades Pedagógicas e Dramáticas da Literatura Infantil e Tradicional Oral. In F. Azevedo et al (Coord.), *Actas do I Encontro Internacional A criança, a Língua e o Texto Literário: da investigação às Práticas*. Braga: Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança, (pp. 209-223)

Cruz, J., & Ribeiro, I., (2009). Práticas de literacia familiar em idade pré-escolar. In I. Ribeiro, & F. Viana (orgs.); *Dos leitores que temos aos leitores que queremos. Ideias e Projetos para promover a leitura*. Coimbra: Almedina.

Folque, M., (1999). A influência de Vygotsky no modelo curricular do Movimento da Escola Moderna para a Educação Pré- Escolar. *Escola Moderna*, 5, 5-12.

Fortin, M., (2009). *Fundamentos e etapas no processo de investigação*. Porto: Lusodidacta.

Hohmann, M., (2003). *A criança em acção*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ministério da Educação e Ciência. (1997). *Orientações Curriculares Para a Educação Pré- Escolar*. Departamento da Educação Básica – Núcleo de Educação Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

Oliver, C., (1976). *A criança e os tempos livres*. Mem Martins: Europa-América.

Pacheco, J., (1995). *O pensamento e a Acção do Professor*. Porto: Porto Editora.

Quivy, R., & Campenhoudt, L., (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa. Gradiva.

Rueda, R., (2005). *La biblioteca de aula infantil: el cuento y la poesia*. Madrid: Narcea.

Viana, F., & Martins, M., (2009). Dos leitores que temos aos leitores que queremos. In I. Ribeiro, I., & Viana, F., (orgs.); *Dos leitores que temos aos leitores que queremos. Ideias e Projetos para promover a leitura*. Coimbra: Almedina.

Sampieri, R., & Collado, C., & Lucio, P., (2006). *Metodologia de pesquisa*. São Paulo: McGraw-Hill.

Traça, M., (1992). *O FIO DA MEMÓRIA: Do Conto Popular ao Conto para Crianças*. Porto: Porto Editora.

Sitografia

Casa Da Leitura

Consultado em 19 de janeiro de 2016 em <http://www.casdaleitura.org/>

Liliana Katz (1987). Trabalho por projeto em Educação de Infância.

Consultado em 22 de janeiro de 2016 em:

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/trabalho_por_projeto_r.pdf

Plano Nacional Da Leitura

Consultado em 17 de janeiro de 2016 em <http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt>

Programme for International Student Assessment

Consultado em 22 de janeiro de 2016 em <http://www.oecd.org/pisa/>

http://iave.pt/np4/file/310/Relatorio_PISA2015.pdf

UNICEF. (1990). *A convenção sobre os direitos da criança*. Consultado em 17 de janeiro de 2016 em:

https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf

Anexos

Anexo I: Rotina do grupo

Quarta-feira

Horas	Descrição
8:00	Abertura da instituição. Crianças brincam no ginásio.
9:05	Expressão motora.
10:00	Sala.
10:05	Preenchimento do quadro de presenças. Atividades de livre escolha, nas diferentes áreas.
11:10	Arrumar a sala.
11:20	Brincar no espaço exterior.*
11:45	Lavar as mãos.
11:50/13:30	Almoço e escovagem dos dentes.
13:30- 14:00	Brincar no ginásio.
14:00	Sala, diálogo com as crianças.
14:45	Música.
15:15	Lanche.
15:30	Avaliação do dia.
16:00/18:00	Atividades livres acompanhadas por uma Assistente Operacional.

*Quando chove as crianças continuam nas atividades livre e arrumam às 11:40.

Quinta-feira

Horas	Descrição
8:00	Abertura da instituição. Crianças brincam no ginásio.
9:00	Sala
9:05	Canção dos Bons dias. Acolhimento. Preenchimento do quadro de presenças.
10:00	Inglês.
11:00	Sala. Atividades de livre escolha, nas diferentes áreas.
11:40	Arrumar a sala.
11:45	Lavar as mãos.
11:50/13:30	Almoço e escovagem dos dentes.
13:30/14:00	Brincar no ginásio.
14:00	Sala. Atividades de livre escolha, nas diferentes áreas.
15:10	Arrumar a sala.
15:15	Lanche.
15:30	Avaliação do dia.
16:00/19:00	Atividades livres acompanhadas por uma Assistente Operacional.

Sexta-feira

Horas	Descrição
8:00	Abertura da instituição. Crianças brincam no ginásio.
9:00	Sala. Canção dos bons dias.
9:10	Inglês
10:00	Atividades de livre escolha, nas diferentes áreas.
11:00	Hora do Conto- biblioteca da escola.
11:45	Lavar as mãos.
11:50/13:30	Almoço e escovagem dos dentes.
13:30/14:00	Brincar no ginásio.
14:00	Expressão motora.
14:45	Sala.
14:50	Assembleia de grupo.
15:25	Lanche
15:30	Avaliação do dia.
16:00/19:00	Atividades livres acompanhadas por uma Assistente Operacional.

Anexo II: Grelhas de observação da Hora do Conto

Grelha de observação da Hora do Conto - “A manta. Uma história aos quadradinhos (de tecido)”, de Isabel Minhós

Criança	Atenção à leitura			Demonstra interesse pela história			Responde às questões sobre a história			Reconta a história			Expressa a opinião face à história			Pede para voltar ouvir a história	
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	3
AL		X			X		X			X			X				X
AF			X			X		X				X			X		X
AR	X			X				X		X			X			X	
BC	X				X				X		X				X		X
CC	X			X			X			X			X			X	
DAC			X			X			X			X			X		X
DO		X			X			X		X				X			X
DC	X			X			X			X			X			X	
DUC		X		X			X			X			X				X
DD	X			X			X			X			X			X	
FB	X			X				X			X			X			X
FM	X			X				X		X			X			X	
JR		X			X			X			X				X		X
JH		X				X			X			X			X		X

LS		X			X			X			X		X			X
LR	X			X			X			X			X			X
ML		X			X		X			X			X			X
MR		X			X			X			X		X			X
MARM	X				X		X			X				X		X
MF	X			X			X				X			X		X
MM	X			X			X			X			X			X
PR		X			X		X				X			X		X
RL	X			X			X			X			X			X
VR		X			X			X			X			X		X

Escala:

- 1- Sim
- 2- Com dificuldade
- 3- Não

Grelha de observação da Hora do Conto - “O pai galinha e o seu pintaíno”, de Bernardino Pacheco e Raquel Pinheiro

Criança	Atenção à leitura			Demonstra interesse pela história			Responde às questões sobre a história			Reconta a história			Expressa a opinião face à história			Pede para voltar ouvir a história	
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	3
AL	X			X			X			X			X				X
AF		X			X			X			X				X		X
AR	X				X		X				X		X			X	
BC		X			X			X			X			X			X
CC	X			X			X				X		X			X	
DAC		X			X			X				X			X		X
DO		X				X		X		X				X			X
DC	X				X		X			X			X				X
DUC		X				X		X				X			X		X
DD		X		X			X			X			X			X	
FB	X				X			X			X				X		X
FM	X			X				X		X			X			X	
JR			X		X			X			X				X		X
JH		X				X			X			X			X		X
LS		X		X				X			X			X			X

LR	X			X			X			X			X			X	
ML		X			X		X			X			X			X	
MR	X				X			X			X			X			X
MARM			X		X			X			X				X		X
MF	X					X			X			X			X		X
MM		X		X			X			X			X			X	
PR		X			X			X			X				X		X
RL	X			X			X			X					X	X	
VR			X		X			X				X			X		X

Escala:

- 1- Sim
- 2- Com dificuldade
- 3- Não

Grelha de observação da Hora do Conto - “Mãe Maravilha”, de Orianne Lallemand

Criança	Atenção à leitura			Demonstra interesse pela história			Responde às questões sobre a história			Reconta a história			Expressa a opinião face à história			Pede para voltar ouvir a história	
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	3
AL		X			X		X			X			X			X	
AF	X			X			X				X			X		X	
AR	X			X			X				X		X			X	
BC	X			X				X			X		X				X
CC		X				X	X				X		X				X
DAC		X		X				X			X			X			X
DO		X		X				X		X				X			X
DC	X			X			X			X			X			X	
DUC		X			X			X			X			X			X
DD		X		X			X			X			X			X	
FB	X				X			X			X			X			X
FM	X			X				X		X			X			X	
JR		X			X			X			X		X				X
JH		X		X				X			X			X			X
LS		X		X				X			X			X		X	

LR	X			X			X			X			X			X	
ML		X			X		X			X			X			X	
MR	X				X			X			X			X			X
MARM		X			X			X			X				X		X
MF	X			X					X			X			X		X
MM		X		X			X			X			X			X	
PR		X			X			X			X		X				X
RL	X			X			X			X				X		X	
VR	X			X				X			X			X			X

Escala:

- 1- Sim
- 2- Com dificuldade
- 3- Não

Grelha de observação da Hora do Conto - “O coelhinho Branco”, de António Torrado

Criança	Atenção à leitura			Demonstra interesse pela história			Responde às questões sobre a história			Reconta a história			Expressa a opinião face à história			Pede para voltar ouvir a história	
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	3
AL	x			X			X			X			X			X	
AF	X			X			X				X			X		X	
AR	X			X			X			X			X			X	
BC	X			X			X			X			X			X	
CC	X			X			X			X			X			X	
DAC	X			X				X			X			X		X	
DO		X		X				X		X				X		X	
DC	X			X			X			X			X			X	
DUC		X		X			X			X				X		X	
DD	X			X			X			X			X			X	
FB	X				X		X				X			X			X
FM	X			X			X			X			X			X	
JR	X				X		X			X			X			X	
JH	X			X				X			X			X			X
LS	X			X			X				X			X		X	
LR	X			X			X			X			X			X	

ML	X			X			X			X			X			X	
MR	X			X				X			X			X			X
MARM	X			X			X				X			X			X
MF	X			X				X			X			X			X
MM		X		X			X			X			X			X	
PR	X				X			X			X			X			X
RL	X			X			X			X				X		X	
VR	X			X			X			X				X		X	

Escala:

- 1- Sim
- 2- Com dificuldade
- 3- Não

Grelha de observação da Hora do Conto - “O Porquinho Vítor”, de Jorge Amaro e Luís Valente

Criança	Atenção à leitura			Demonstra interesse pela história			Responde às questões sobre a história			Reconta a história			Expressa a opinião face à história			Pede para voltar ouvir a história	
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	3
AL	X				X		X			X			X				X
AF		X				X		X			X			X			X
AR	X				X		X			X			X			X	
BC	X			X				X		X					X		X
CC		X		X			X				X		X				X
DAC	X			X			X				X				X	X	
DO	X			X				X		X				X			X
DC	X			X			X			X			X			X	
DUC		X			X			X			X			X		X	
DD	X			X			X			X			X			X	
FB	X				X				X		X			X		X	
FM	X			X			X			X			X			X	
JR		X			X			X			X		X			X	
JH	X			X				X			X			X		X	
LS	X				X		X				X			X		X	

LR	X			X			X			X			X			X	
ML		X			X		X			X			X			X	
MR	X				X			X			X			X			X
MARM		X			X		X				X				X		X
MF	X			X				X				X			X		X
MM	X			X			X			X			X			X	
PR	X				X			X			X		X				X
RL	X			X			X			X				X		X	
VR	X			X				X			X			X		X	

Escala:

- 1- Sim
- 2- Com dificuldade
- 3- Não

Grelha de observação da Hora do Conto - “A galinha medrosa”, de António Mota

Criança	Atenção à leitura			Demonstra interesse pela história			Responde às questões sobre a história			Reconta a história			Expressa a opinião face à história			Pede para voltar ouvir a história	
	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	3
AL	x				X		X			X			X			X	
AF	X			X			X				X			X		X	
AR	X			X			X				X		X			X	
BC	X			X				X			X		X				X
CC	X				X		X				X		X				X
DAC	X			X				X			X			X			X
DO		X		X				X		X				X			X
DC	X			X			X			X			X			X	
DUC		X			X			X			X			X			X
DD	X			X			X			X			X			X	
FB	X				X				X		X			X			X
FM	X			X			X			X			X			X	
JR	X				X		X				X		X				X
JH	X			X				X			X			X			X
LS	X			X				X			X			X		X	

LR	X			X			X			X			X			X	
ML		X			X		X			X			X			X	
MR*	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
MARM	X				X			X			X				X		X
MF	X			X					X			X			X		X
MM		X		X			X			X			X			X	
PR	X				X			X			X		X				X
RL	X			X			X			X				X		X	
VR	X			X				X			X			X			X

*Faltou

Escala:

- 1- Sim
- 2- Com dificuldade
- 3- Não

Anexo III: Registo Fotográfico

“A manta. Uma história aos quadrinhos (de tecido)”, de Isabel Minhós



Fotografia 7: Hora do Conto - “A manta. Uma história aos quadrinhos (de tecido)”, de Isabel Minhós



Fotografia 8/16: Crianças com os retalhos da história, elaborado em casa junto das famílias



Fotografia 17/25: Crianças com os retalhos da história, elaborado em casa junto das famílias



Fotografia 26/29: Crianças a colarem os retalhos de tecido na manta depois de terem partilhado a história com os colegas

“O coelho Branco”, de António Torrado



Fotografia 30/33: Hora do Conto - “O coelho Branco”, de António Torrado



Fotografia 34/35: Reconto da história: “O coelho Branco”, de António Torrado



Fotografia 36/38: Crianças na área da biblioteca a contarem a história: “O coelho Branco”, de António Torrado

“O Porquinho Vítor”, de Jorge Amaro e Luís Valente



Fotografia 39: Hora do Conto - “O Porquinho Vítor”, de Jorge Amaro e Luís Valente



Fotografia 40/44: Reconto da história: “O Porquinho Vítor”, de Jorge Amaro e Luís Valente



Fotografia 45/47: Crianças na área da biblioteca a contarem a história: “O Porquinho Vítor”, de Jorge Amaro e Luís Valente



Fotografia 48/49: Crianças na área da biblioteca a contarem a história: “O Porquinho Vítor”, de Jorge Amaro e Luís Valente

“A galinha medrosa”, de António Mota



Fotografia 50/51: Hora do Conto - “A galinha medrosa”, de António Mota



Fotografia 52/53: Reconto da história: “A galinha medrosa”, de António Mota



Fotografia 54/59: Crianças na área da biblioteca a contarem a história: “A galinha medrosa”, de António Mota

Envolvimento das famílias na Hora do Conto



Fotografia 60/61: Pais do AL a dinamizarem a Hora do Conto com recurso a sombras chinesas



Fotografia 62: Mãe da LR a dinamizarem a Hora do Conto com recurso ao *datashow*



Fotografia 63: Elaboração de um tapete relva, para a biblioteca com os pais

Preparação de uma peça de teatro sobre o projeto



Fotografia 64/65: Apresentação do projeto aos pais

Anexo IV: Registos de observações

Descrição diária

Nomes das crianças: AL

Idade: 4 anos

Observadora: Estagiária

Data: 9/10/2015



Descrição

Enquanto a estagiária conta a história: “ O pequeno livro de amizade”, de Christine Coirault, o AL diz :” Ali é um conjunto de peixe, um cardume, a formar uma gota de água.”

Comentário

Este comentário evidencia que a criança tem um vocabulário amplo para a idade e sabe associar a palavra à imagem representada.

Descrição da atividade Hora do Conto “A manta uma história aos quadradinhos (de tecido)”, de Isabel Minhós Martins

Nomes das crianças: Todas

Idade: 3 e 4 anos

Observadora: Estagiária

Data: 23/10/2015



Descrição

As crianças ouviram atentamente a narrativa, em pequeno grupo, respondendo, no final, às questões sobre a história.

Posteriormente, fizeram o reconto da história através das ilustrações do livro. As crianças referem que a avó não precisa de livros para contar diferentes histórias aos netos, “MM: A avó olha para a manta e conta aos netos a história de um quadradinho”, DD: “este tecido foi quando a avó ia para a praia”, LR: “este tecido foi quando o menino partiu o braço andar de bicicleta, coitadinho.”

No final, as crianças sugeriram que fizéssemos a nossa própria manta de leituras: “podemos fazer a nossa manta de histórias”, “os nossos pais podem contar histórias e juntamos na manta a história de todos”, “podemos fazer desenhos com os pais”.

Comentário

Através da sugestão das crianças, verificámos que o grupo começa-se a interessar pelas histórias, propondo a realização de uma atividade de leitura que as envolve não só a elas, mas também as famílias.

Descrição diária

Nomes das crianças: PR

Idade: 4 anos

Observadora: Estagiária

Data: 11/03/2016

Descrição

As crianças estão no acolhimento e dialogam entre si:

DC: - “Meninos já repararam que Júlio e Júpiter têm a primeira letra igual.”

DUC: - “Duarte vai para Marte, rima.”

DC: - “João vai para o Plutão também rima.”

MF: - “João balão, rima.”

RL: - “Joana banana, também rima.”

Comentário

Esta situação mostra que o grupo é capaz de identificar e nomear alguns grafemas, como também identificar e criar rimas. Assim, as crianças através das histórias ouvidas começam a desenvolver a consciência fonológica, através das rimas.

Descrição diária

Nomes das crianças: Todas

Idade: 4 e 5 anos

Observadora: Estagiária

Data: 17/03/2016



Descrição

Na atividade “Era uma vez...”, as crianças construíram uma história com fantoches de dedos. Deste modo, através das personagens disponíveis, as crianças tinham de criar uma história.

É de referir que algumas crianças tiveram dificuldade em começar e dar continuidade à história, como é o caso do AF, que não sabia como iniciar a história a partir da escolha do seu fantoche. Outras crianças como o DO, FB, JH, MM e RL também revelaram alguma dificuldade em dar continuidade à história. É de referir que a JR bloqueou e não conseguiu desenvolver a história. No entanto, o AL, o DC e a LR ajudaram os colegas a dar continuidade a história.

Comentário

Através desta atividade, observámos que é necessário continuar a dinamizar atividades que permitam às crianças desenvolver a linguagem, a autoconfiança e a perderem o receio de se exporem. Além disso, esta atividade comprova que as histórias são momentos de socialização e cooperação das crianças, bem como momentos privilegiados para a estruturação do discurso.

Descrição atividade poesia lua

Nomes das crianças: Todas

Idade: 4 e 5 anos

Observadora: Estagiária

Data: 08/04/2016



Descrição

As crianças ouvem a leitura do poema e de seguida repetem-no por verso. Para posteriormente, depois de memorizados, os serem capazes de repetir sozinhos. Nesta atividade, notei que o grupo memorizou o poema com muita facilidade. Além disso, pediram para repetir.

No final, as crianças decoraram as estrelas e a lua em torno do poema.

Comentário

Esta situação evidencia que as crianças têm uma boa capacidade de memória. Além disso, conseguem partilhar o mesmo espaço e executar a mesma tarefa em simultâneo, dividindo o espaço, trabalhando cooperativamente.

Descrição atividade de leitura: “O Porquinho Vítor”

Nomes das crianças: Todas

Idade: 4 e 5 anos

Observadora: Estagiária

Data: 22/04/2016



Descrição

Na hora do conto “O Porquinho Vítor”, a estagiária colocou uma caixinha de música a tocar, para relaxar o grupo e este poder estar mais atento para o desenrolar da história.

No final, o grupo respondeu às questões que lhes foram colocadas acerca da história com entusiasmo, percebendo a entrada e a saída das personagens através deste recurso. Pelo facto de ser um recurso novo que exigia interação, as crianças participaram ativamente no reconto da história.

Comentário

Esta situação evidencia que através de novas estratégias, é possível motivar e despertar a atenção e a curiosidade das crianças. Além disso, o facto de poderem manipular novos materiais levou as crianças a participarem e a enriquecerem o seu vocabulário, bem como estimulou o interesse das crianças mais reservadas.

Descrição atividade da Hora do Conto: “Mamã Maravilha”, de Orianne Lallemand

Nomes das crianças: Todas

Idade: 4 e 5 anos

Observadora: Estagiária

Data: 29/04/2016

Descrição

Na hora do conto “Mamã Maravilha”, as crianças estiveram com muita atenção à história e, no final, deram sugestões de outros tipos de mãe que poderiam surgir na história: AF “Mamã Aconchega- porque eu gosto muito dela.”; CC “ Mamã Feliz- a minha mãe empurra-me quando estou andar de baloiço.”; DC “Mãe Parque- a mãe que nos leva a brincar no parque.”; LR “Mãe Querida- a mãe que nos dá mimosinhos.” e VR “Mamã Compra- a minha mãe compra-me muitos chocolates.”

No registo da história, o jogo de mimica, as crianças memorizaram com facilidade a carta a que correspondia cada mãe e qual a ação representada. É de referir que todas as crianças participaram com entusiasmo, à exceção da CC que disse que não queria executar a atividade, porque se sentia inibida.

Dando continuidade a esta atividade, as crianças propuseram a elaboração de um marcador de livro para oferecer no Dia da Mãe.

Comentário

Esta situação demonstra que as crianças gostaram de ouvir a história e de compreender o desenrolar da ação, desenvolvendo a sua imaginação e criatividade, dando continuidade à história. Além disso, as crianças revelam maior capacidade de concentração e de associação, desenvolvendo assim a sua capacidade de memorização.

No que diz respeito à CC não executar a atividade por se sentir inibida perante o grupo, irei desenvolver atividades com ela em pequeno grupo, para que futuramente se integre com menos dificuldade.

Descrição atividade da Hora do Conto: “Girafritz aprende uma lição”, de Manuela Mota Ribeiro

Nomes das crianças: Todas

Idade: 4 e 5 anos

Observadora: Estagiária

Data: 11/05/2016



Descrição

Neste dia, a mãe da LR dinamizou a Hora do Conto, através da história: “Girafritz aprende uma lição”, de Manuela Mota Ribeiro, com recurso ao *datashow*.

As crianças demonstraram interesse na história e escutaram com atenção, sendo que no final participaram ativamente no reconto da história.

No final, as crianças retiraram de dentro de uma caixa um papel com o nome de um colega do grupo, ao qual tiveram que atribuir um elogio, uma carícia. Esta atividade foi muito produtiva, na medida em que as crianças se elogiaram e mimaram, apercebendo-se do quanto é bom ter amigos, como a mensagem da história o demonstra. Assim, as crianças aperceberam-se da importância e do valor da amizade: AL: “o Girafritz podia ficar sem amigos”; CC: “gostei de dar abraços aos amigos”; LR: “nós as vezes também somos maus para os nossos amigos, não é AL?”; RL: “se não formos bonzinhos, podemos ficar sem amigos.

Comentário

Esta situação mostra que, a partir da história, as crianças refletiram que é necessário serem boas, para terem amigos. Além disso, sentiram que é necessário valorizar a amizade e importante transmitir carinho e afeto pelos outros.

Descrição da atividade Teatro de marionetas

Nomes das crianças: Todas

Idade: 4 e 5 anos

Observadora: Estagiária

Data: 18/05/2016



Descrição

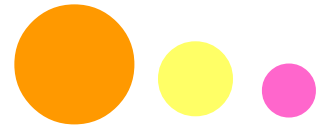
As crianças assistiram a um teatro de marionetas dinamizado por dois Checos, apesar de não haver diálogo, as crianças gostaram muito de interagir com os bonecos animados. DC: “gostei quando o cão veio ter comigo e atirei-lhe a bola”; DAC: “gostei de ver o velhinho a voar”; MF: “gostei de ver o passarinho e o velhinho”; MR: “gostei de tudo, foi muito giro”; MARM “eu não gostei do velhinho, porque ele queria saltar para mim e tive medo.”

Comentário

Esta situação mostra a essência dos fantoches para o desenvolvimento da criança, na interação com os outros. Além de que, as crianças assumiram que os bonecos eram seres animados e tinham medo deles. Todavia, a criança com autismo sentiu-se solicitada, entusiasmada e interagiu com a marioneta.

Anexo V: Registos - portefólios de crianças

Áreas de conteúdo:



Data da situação: 8 de outubro de 2015

Data do comentário: 29 de outubro de 2015

Escolha realizada por: Estagiária



Comentário do adulto: O Diogo pega com a mão direita no pincel, corretamente e com a mão esquerda apoia o cartão. Realizou esta atividade com muita atenção.

Comentário da criança: Estava a pintar as unhas de preto, com pincel e tinta. Gostei de pintar as patas porque é divertido, para depois brincar na gruta aos dinossauros.

Indicadores de desenvolvimento:

● **Expressão Plástica**

Reflexão e Interpretação: Utiliza, de forma autónoma, diferentes materiais;
Reconhece a cor.

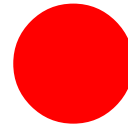
● **Expressão Motora**

Perícia e manipulações: Utiliza corretamente o pincel.

● **Formação Pessoal e Social**

Independência/ Autonomia: Demonstra empenho nas atividades que realiza;
Manifesta as suas opiniões.

Áreas de conteúdo:



Data da situação: 25 de fevereiro de 2016

Data do comentário: 10 de março de 2016

Escolha realizada por: MM



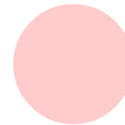
Comentário da criança: Eu estava a dar a papa ao bebé na gruta. Eu era a mãe do bebé.

Comentário do adulto: A Matilde consegue interagir em atividades de faz-de-conta, imitando situações do dia-a-dia. Além disso, demonstra afetividade pelo “bebé”.

Indicadores de desenvolvimento:

● **Expressão Dramática**

Experimentação e criação/ Fruição e Análise: Interage com outros em atividades de faz-de-conta.



Data da situação: 11 de março de 2016

Data do comentário: 18 de março de 2016

Escolha realizada por: MM



Comentário da criança: Eu tinha de bater com um pau no outro quando tinha o meu instrumento.

Comentário do adulto: A Matilde estava muito atenta e empenhada na tarefa, tocando ao ritmo o instrumento.

Indicadores de desenvolvimento:

● **Expressão Musical**

Interpretação e comunicação: Toca pequenas pautas rítmicas com diferentes combinações de sons curtos e longos;

Identifica quando tem de tocar o seu instrumento.

● **Formação Pessoal e Social**

Independência/ Autonomia: Demonstra empenho nas atividades que realiza.



Data da situação: 11 de março de 2016

Data do comentário: 6 de abril de 2016

Escolha realizada por: Estagiária



Comentário do adulto: A Matilde consegue escrever o nome dela, sem dificuldade e reconhece as letras do seu primeiro nome.

Comentário da criança: Aqui estava a escrever o meu nome. Eu consigo escrever o meu nome sem placa. Eu sei as letras do meu nome: M A T I L D E e sei escrever Nina sozinha. E sei a primeira letra do nome da minha mãe F.

Indicadores de desenvolvimento:

● **Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

Reconhecimento e escrita de palavras: Escreve o seu nome;

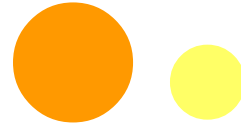
Conhece algumas letras.

Conhecimento das Convenções Gráficas: Conhece o sentido direcional da escrita.

● **Formação Pessoal e Social**

Independência/ Autonomia: Demonstra empenho na atividade que realiza.

Áreas de conteúdo:



Data da situação: 11 de março de 2016

Data do comentário: 07 de abril de 2016

Escolha realizada por: DC



Comentário da criança: Aqui estava a desenhar extraterrestre de três cabeças, que eram habitantes de um planeta.

Comentário do adulto: Depois de ouvir a história: “O planeta perdido”, de Ziraldo o DC imagina e desenha os habitantes de um planeta, com bastante imaginação e criatividade atribuindo significado as suas produções artísticas.

Indicadores de desenvolvimento:

● **Expressão Plástica**

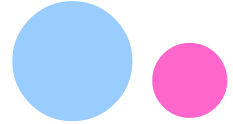
Produção e criação: Representa os habitantes do planeta através do desenho.

Fruição e contemplação: Produz composições plásticas a partir de temas reais imaginados.

Reflexão e interpretação: Utiliza de forma autónoma, diferentes materiais e meios de expressão.

● **Expressão Motora**

Perícia e manipulações: Consegue apertar o objeto.



Data da situação: 22 de abril de 2016

Data do comentário: 4 de maio de 2016

Escolha realizada por: MM



Comentário da criança: Estava a contar a história do porquinho Vítor que tu tinhas contado. Gostei muito de fazer, porque podia colocar os animais onde eu queria.

Comentário do adulto: Esta situação demonstra que a criança é capaz de recontar a história a partir das imagens. Além disso, o flanelógrafo permitiu a manipulação das imagens, bem como a possibilidade de as movimentar, de colocar e sair de cena.

Indicadores de desenvolvimento:

● **Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

Compreensão de discursos orais e Interação Verbal: Reconta narrativas ouvidas;

Descreve pessoas, objetos e ações;

Partilha informação oralmente através de frases coerentes;

Inicia o diálogo, introduz um tópico e muda de tópico.

● **Formação Pessoal e Social**

Independência/ Autonomia: Demonstra empenho na atividade que realiza.

Anexo VI: Entrevista das crianças

Guião da entrevista

Finalidade da entrevista: Verificar as ideias prévias das crianças acerca da Hora do Conto.

Transcrição das entrevistas realizadas às crianças

Grupo 1 – Seis crianças: AL, AF, AR, BC, CC e DAC

Entrevistadora: Como a vossa opinião é muito importante, quero saber o que pensam das histórias. Gostam de ouvir histórias?

E1: *Sim, eu adoro que me contem histórias.*

E2: *Eu não gosto de ouvir histórias.*

Entrevistadora: Porque é que não gostas de ouvir histórias AF?

E2: *Prefiro brincar.*

E3: *Eu gosto muito.*

Entrevistadora: Porque é que gostas de ouvir histórias?

E3: *Porque é divertido.*

E4: *Eu gosto de ouvir histórias.*

Entrevistadora: Porque é que gostas de ouvir histórias BC?

E4: *Porque sim.*

E5: *Sabias, a minha mãe conta-me muitas histórias e eu gosto muito.*

E6: *Eu não gosto.*

Entrevistadora: Porque é que não gostas DAC?

E6: *É uma seca.*

Entrevistadora: Gostam de ouvir histórias todos os dias ou só de vez em quando?

E1: *Todos os dias.*

E2: *De vez em quando.*

E3: *Todos os dias.*

E4: *Muitas vezes.*

Entrevistadora: Preferes ouvir histórias duas, três ou quatro vezes por semana?

E4: *Três vezes.*

E5: *Todos os dias.*

E6: *De vez em quando.*

Entrevistadora: Gostam de ouvir histórias individualmente (que contem só para vocês); em pequeno grupo (com alguns meninos da sala); com todos os meninos?

E1: *Com os amigos todos.*

E2: *“Pefiro só.”*

E3: *Eu também gosto mais de ouvir histórias sozinho.*

E4: *Sozinha.*

E5: *Não gosto de ouvir histórias com os amigos todos, porque fazem muito barulho.*

E6: *Com os amigos todos.*

Entrevistadora: Como gostam que vos contem histórias? Com o livro, com fantoches, através de teatro?

E1: *Eu adoro que me contem histórias com livros.*

E2: *Eu gosto de ver as imagens no computador.*

E3: *Gosto de ouvir histórias do livro.*

E4: *Eu gosto mais de teatro, porque vejo os bonequinhos a mexer.*

E5: *“Eu pefiro fantoches.”*

E6: *De teatro.*

Entrevistadora: Obrigada, meninos! Vou passar a ter em atenção as vossas escolhas, quando voltar a fazer a Hora do Conto.

Grupo 2 – Seis crianças: DO, DC, DUC, DD, FB e FM

Entrevistadora: Como a vossa opinião é muito importante, quero saber o que pensam das histórias. Gostam de ouvir histórias?

E7: *Sim, gosto.*

E8: *Gosto de ouvir muitas histórias.*

E9: *“Não goto nada, as histórias são seca.”*

E10: *Gosto muito.*

E11: *Eu não gosto de ouvir histórias.*

E12: *Eu adoro que me contem histórias, é tão bom.*

Entrevistadora: Gostam de ouvir histórias todos os dias ou só de vez em quando?

E7: *Eu gosto que me contem histórias.*

Entrevistadora: Preferes ouvir histórias duas, três ou quatro vezes por semana?

E7: *Duas.*

E8: *Eu gosto de ouvir todos, todos os dias.*

E9: *Uma vez, chega.*

E10: *Todos os dias.*

E11: *De vez em quando.*

E12: *Todos os dias.*

Entrevistadora: Gostam de ouvir histórias individualmente (que contem só para vocês); em pequeno grupo (com alguns meninos da sala); com todos os meninos?

E7: *Só.*

E8: *Com menos meninos, eu posso falar mais.*

E9: *Eu prefiro com menos meninos.*

E10: *Com os amigos todos.*

E11: *Sozinha*

E12: *Eu também, prefiro sozinho.*

Entrevistadora: Como gostam que vos contem histórias? Com o livro, com fantoches, através de teatro?

E7: *Eu adoro que me contem histórias com fantoches.*

E8: *Sabes, eu gosto muito que me contem histórias com fantoches, para depois poder brincar.*

E9: *Gosto de ouvir histórias com fantoches.*

E10: *Eu gosto mais de teatro.*

E11: *Eu prefiro o livro.*

E12: *Eu não gosto nada do livro, não vejo bem as imagens. Prefiro o computador.*

Entrevistadora: Obrigada, meninos! Vou passar a ter em atenção as vossas escolhas, quando voltar a fazer a Hora do Conto.

Grupo 3 – Seis crianças: JR, JH, LS, LR, ML e MR

Entrevistadora: Como a vossa opinião é muito importante, quero saber o que pensam das histórias. Gostam de ouvir histórias?

E13: *Sim.*

E14: *“Não, peffio brinca.”*

E15: *Eu também, não gosto.*

E16: *Eu adoro ouvir histórias.*

E17: *Eu também, gosto de ouvir histórias.*

E18: *Eu não gosto nada.*

Entrevistadora: Gostam de ouvir histórias todos os dias ou só de vez em quando?

E13: *Eu gosto que me contem histórias.*

Entrevistadora: Preferes ouvir histórias duas, três ou quatro vezes por semana?

E13: *Duas vezes.*

E14: *Eu gosto de ouvir só uma vez.*

E15: *Eu gosto muito.*

Entrevistadora: Preferes ouvir histórias duas, três ou quatro vezes por semana?

E15: *Duas vezes.*

E16: *Todos, todos, todos os dias.*

E17: *Gosto muito.*

Entrevistadora: *Preferes ouvir histórias duas, três ou quatro vezes por semana?*

E17: *Três vezes.*

E18: *Uma vez chega.*

Entrevistadora: *Gostam de ouvir histórias individualmente (que contem só para vocês); em pequeno grupo (com alguns meninos da sala); com todos os meninos?*

E13: *Sozinha.*

E14: *“Goto de ouvir só.”*

E15: *Eu prefiro só.*

E16: *Adoro ouvir histórias com os meus amigos todos.*

E17: *Prefiro só com alguns meninos.*

E18: *Eu gosto que me contem histórias só a mim, não gosto de ouvir histórias com os outros.*

Entrevistadora: *Como gostam que vos contem histórias? Com o livro, com fantoches, através de teatro?*

E13: *Eu gosto de ver as imagens no computador, ficam mesmo grandes.*

E14: *“E goto mui de tória co faoches.”*

E15: *Gosto de ouvir histórias com fantoches.*

E16: *Eu adoro o teatro, eu tenho muito jeito para fazer teatro, sabes?*

E17: *Eu gosto de ouvir histórias do livro.*

E18: *Eu gosto de virar a página do livro.*

Entrevistadora: *Obrigada, meninos! Vou passar a ter em atenção as vossas escolhas, quando voltar a fazer a Hora do Conto.*

Grupo 4 – Seis crianças: MARM, MF, MM, PR, RL e VR

Entrevistadora: Como a vossa opinião é muito importante, quero saber o que pensam das histórias. Gostam de ouvir histórias?

E19: *Sim.*

E20: *Gosto muito de ouvir histórias.*

E21: *Adoro que me contem histórias.*

E22: *Gosto de ouvir histórias.*

E23: *Eu também, gosto de ouvir histórias.*

E24: *Eu não gosto nada.*

Entrevistadora: Preferes ouvir histórias duas, três ou quatro vezes por semana?

E19: *Duas vezes.*

E20: *Também duas vezes.*

E21: *Todos os dias, eu gosto muito de histórias.*

E22: *Duas vezes.*

E23: *Também duas vezes.*

E24: *Uma vez chega.*

Entrevistadora: Gostam de ouvir histórias individualmente (que contem só para vocês); em pequeno grupo (com alguns meninos da sala); com todos os meninos?

E19: *Sozinha.*

E20: *Também sozinha.*

E21: *Gosto de ouvir histórias com os amigos todos*

E22: *Sozinho.*

E23: *Com todos os meus amigos.*

E24: *Eu gosto de ouvir com todos os meninos.*

Entrevistadora: Como gostam que vos contem histórias? Com o livro, com fantoches, através de teatro?

E19: *Eu gosto de fantoches.*

E20: *Eu gosto muito de ouvir histórias dos livros.*

E21: *Gosto de ouvir histórias com fantoches.*

E22: *Eu adoro fantoches.*

E17: *Eu gosto de ouvir histórias do livro.*

E18: *Eu também gosto do livro.*

Entrevistadora: Obrigada, meninos! Vou passar a ter em atenção as vossas escolhas, quando voltar a fazer a Hora do Conto.

Anexo VII: Entrevista às educadoras da instituição

Entrevista às educadoras da instituição das salas dos 3, 4 e 5 anos

Cara educadora,

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, é nosso objetivo investigar os recursos e as estratégias que utiliza na Educação Pré-Escolar, para promover a Hora do Conto. Deste modo, gostaríamos de realizar esta entrevista de forma a analisar e aprofundar o papel do educador, como parceiro da promoção da leitura.

A sua opinião é deveras importante, e desde já agradecemos a disponibilidade.

Garante-se a confidencialidade e o anonimato dos dados fornecidos.

Grata pela colaboração,

A Educadora Estagiária

Joana Tato.

Dados de identificação pessoal:

- Que idade tem?
- Quais são as suas habilitações literárias?
- Qual é o seu tempo de serviço como educadora de infância?

Guião da entrevista

A hora do conto

1. Dinamiza a hora do conto?
2. Com que frequência dinamiza a hora do conto por semana?
3. A hora do conto é dinamizada sempre no mesmo dia e à mesma hora?
4. Considera pertinente existir uma rotina para a hora do conto? Justifique a sua resposta.
5. Costuma contar histórias aos alunos sempre que eles pedem, ou tem um horário específico para isso?
6. Em que local costuma dinamizar a hora do conto?
7. Que importância atribui à hora do conto na Educação Pré-Escolar?
8. Como costuma dinamizar a hora do conto? Em grande, pequeno grupo, individualmente?
9. Como considera ser mais vantajoso? Porquê?
10. A hora do conto é apreciada pelas crianças? Se sim, como o demonstram?

Recursos e estratégias na hora do conto

11. Quais são os recursos que utiliza para dinamizar a hora do conto?
12. Que estratégias costuma utilizar para dinamizar a hora do conto?
13. Qual é o recurso que mais costuma utilizar?
14. Qual é a estratégia que mais costuma utilizar?
15. Qual é o recurso que, a seu ver, é mais motivador?
16. Qual é o recurso que considera causar maior impacto no desenvolvimento das crianças? E porquê?
17. Quais são os constrangimentos à utilização dos recursos?

Seleção dos livros

18. Qual é o critério para escolher os livros?
19. Costuma deixar ao critério dos alunos a escolha das histórias?
20. Os alunos costumam trazer livros de casa para a biblioteca da escola?
21. A opção do livro é muitas vezes condicionada pelo seu custo?
22. Considera que as medidas que o ministério tentou implementar para promover a literatura infantil estão a ter sucesso?

Biblioteca escolar

23. Considera que a biblioteca escolar está adequada aos interesses das crianças? De que forma?
24. Costuma levar livros para a biblioteca? Porquê?
25. Considera que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças? Porquê?
26. Gostaria de acrescentar alguma questão não mencionada durante a entrevista?

Transcrição das entrevistas realizadas às educadoras

Educadora Entrevistada 1:

Dados de identificação pessoal:

- Que idade tem? 33
- Quais são as suas habilitações literárias? Pós-Graduação em Supervisão Pedagógica
- Qual é o seu tempo de serviço como educadora de infância? 7anos

Guião da entrevista

A hora do conto

1. Dinamiza a hora do conto?
Sim
2. Com que frequência dinamiza a hora do conto por semana?
1 a 2 vezes
3. A hora do conto é dinamizada sempre no mesmo dia e à mesma hora?
Não, é flexível mas previamente planificada.
4. Considera pertinente existir uma rotina para a hora do conto? Justifique a sua resposta.
Acho extremamente pertinente que haja uma exploração de livros/ histórias previamente estruturada e de forma sistemática, já que a exploração das mesmas não só fomenta o gosto pela leitura e pelo livro, como tem como consequência o desenvolvimento de competências essenciais na formação da criança.

5. Costuma contar histórias às crianças sempre que eles pedem, ou tem um horário específico para isso?

Ambos. Semanalmente é planificado um ou mais momentos para a leitura de histórias, contudo procuro responder aos interesses e necessidades das crianças nos diferentes momentos.

6. Em que local costuma dinamizar a hora do conto?

Sala, biblioteca ou exterior.

7. Que importância atribui à hora do conto na Educação Pré-Escolar?

É essencial. Das atividades mais importantes.

8. Como costuma dinamizar a hora do conto? Em grande, pequeno grupo, individualmente?

A hora do conto é dinamizada de diferentes formas mediante os objetivos propostos, as estratégias utilizadas e o espaço que acontece, logo ocorre em grande ou pequeno grupo e por vezes a pares ou individualmente.

9. Como considera ser mais vantajoso? Porquê?

Em pequeno grupo é a forma mais vantajosa em crianças de faixas etárias mais pequenas. À medida que cresce, o grande grupo ocorre também de forma positiva. Estas opções prendem-se essencialmente com a disponibilidade do adulto para todas as crianças e com o período de concentração de cada uma.

10. A hora do conto é apreciada pelas crianças? Se sim, como o demonstram?

Sim: pedem para que ocorra este momento; estão bastante envolvidas e motivadas durante o processo.

Recursos e estratégias na hora do conto

11. Quais são os recursos que utiliza para dinamizar a hora do conto?

Recursos tecnológicos, livros, fantoches, imagens...

12. Que estratégias costuma utilizar para dinamizar a hora do conto?

Tons de voz diferentes, postura corporal, aromas, cheiros, sons...

13. Qual é o recurso que mais costuma utilizar?

Livros.

14. Qual é a estratégia que mais costuma utilizar?

Postura corporal e tom de voz.

15. Qual é o recurso que, a seu ver, é mais motivador?

Tecnológico combinado com o livro.

16. Qual é o recurso que considera causar maior impacto no desenvolvimento das crianças? E porquê?

A utilização do livro, para que o saiba explorar de diferentes formas mesmo sem estratégias ou recursos.

17. Quais são os constrangimentos à utilização dos recursos?

Disponibilidade do livro.

Seleção dos livros

18. Qual é o critério para escolher os livros?

Qualidade e adequação faixa etária

19. Costuma deixar ao critério das crianças a escolha das histórias?

Por vezes.

20. Os alunos costumam trazer livros de casa para a biblioteca da escola?

Sim: biblioteca vai e vem.

21. A opção do livro é muitas vezes condicionada pelo seu custo?

Sim

22. Considera que as medidas que o ministério tentou implementar para promover a literatura infantil estão a ter sucesso?

Deveriam existir ainda mais para promover o acesso aos livros a todos.

Biblioteca escolar

23. Considera que a biblioteca da sala está adequada aos interesses das crianças?

De que forma?

Sim, porque é um espaço agradável com diferentes recursos. No entanto, penso que deveria existir uma maior variedade de livros.

24. Costuma levar livros para a biblioteca? Porquê?

Sim, para disponibilizar mais recursos.

25. Considera que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças?

Porquê?

A maioria, pelas imagens e temas.

26. Gostaria de acrescentar alguma questão não mencionada durante a entrevista?

Não.

Educadora Entrevistada 2:

Dados de identificação pessoal:

- Que idade tem? 34 anos
- Quais são as suas habilitações literárias? Licenciatura em Educação de Infância
- Qual é o seu tempo de serviço como educadora de infância? 11 anos

Guião da entrevista

A hora do conto

1. Dinamiza a hora do conto?

Sim

2. Com que frequência dinamiza a hora do conto por semana?

1 a 2 vezes por semana.

3. A hora do conto é dinamizada sempre no mesmo dia e à mesma hora?

Sim está estabelecida nas rotinas das crianças.

4. Considera pertinente existir uma rotina para a hora do conto? Justifique a sua resposta.

Sim, para as crianças criarem o hábito de ouvirem histórias e de estarem a contar com o momento da Hora do Conto e a imprevisibilidade da história a ser contada.

5. Costuma contar histórias às crianças sempre que eles pedem, ou tem um horário específico para isso?

Sempre que as crianças pedem e na hora do conto.

6. Em que local costuma dinamizar a hora do conto?

Na biblioteca da escola e na sala.

7. Que importância atribui à hora do conto na Educação Pré-Escolar?

É importante para futuramente o grupo familiarizar-se com a palavra escrita e com os livros e por sua vez enriquecer e expandir o vocabulário. Além, de serem momentos de sonho e fantasia.

8. Como costuma dinamizar a hora do conto? Em grande, pequeno grupo, individualmente?

A hora do conto é dinamizada em grande grupo.

9. Como considera ser mais vantajoso? Porquê?

Considero que seria mais benéfico para o grupo se a dinamização da história fosse feita em pequeno grupo, porque é mais fácil chegar a cada criança e prender a atenção das crianças.

10. A hora do conto é apreciada pelas crianças? Se sim, como o demonstram?

Sim, uma vez que no final pedem para repetir a história e elas por sua vez também gostam de inventar e contar histórias ao grupo.

Recursos e estratégias na hora do conto

11. Quais são os recursos que utiliza para dinamizar a hora do conto?

Computador e o livro.

12. Que estratégias costuma utilizar para dinamizar a hora do conto?

Alteração de voz, o suspense e a mimica.

13. Qual é o recurso que mais costuma utilizar?

Computador, com digitalização dos livros em PowerPoint.

14. Qual é a estratégia que mais costuma utilizar?

Alteração do tom de voz e o suspense.

15. Qual é o recurso que, a seu ver, é mais motivador?

Computador.

16. Qual é o recurso que considera causar maior impacto no desenvolvimento das crianças? E porquê?

O computador, porque é um instrumento que motiva mais as crianças. Além disso, estamos na era das novas tecnologias.

17. Quais são os constrangimentos à utilização dos recursos?

Não existem fantoches na instituição, o que requer investimento e disponibilidade de tempo.

Seleção dos livros

18. Qual é o critério para escolher os livros?

Constatar no Plano Nacional de Leitura e o tema adequar-se ao projeto que está a ser vivenciado na sala.

19. Costuma deixar ao critério das crianças a escolha das histórias?

Às vezes.

20. Os alunos costumam trazer livros de casa para a biblioteca da escola?

Sim, trazem livros relacionados com o tema do projeto, para mostrar aos amigos e contar a história do livro.

21. A opção do livro é muitas vezes condicionada pelo seu custo?

Sim.

22. Considera que as medidas que o ministério tentou implementar para promover a literatura infantil estão a ter sucesso?

Penso que sim, porque há uma maior preocupação com o investimento da leitura através do Plano Nacional da Leitura e a criação da rede de bibliotecas escolares e criação do professor bibliotecário.

Biblioteca escolar

23. Considera que a biblioteca da sala está adequada aos interesses das crianças? De que forma?

Sim, porque o espaço tem um sofá onde as crianças se podem sentar a consultar os livros.

24. Costuma levar livros para a biblioteca? Porquê?

Algumas vezes, para possibilitar às crianças o contacto com outros livros.

25. Considera que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças? Porquê?

Não, existem poucos livros e alguns estão desadequados.

26. Gostaria de acrescentar alguma questão não mencionada durante a entrevista?

Não.

Educadora Entrevistada 3:

Dados de identificação pessoal:

- Que idade tem? 30 anos
- Quais são as suas habilitações literárias? Mestrado em Educação Pré-Escolar e Primeiro Ciclo do Ensino Básico
- Qual é o seu tempo de serviço como educadora de infância? 5 anos

Guião da entrevista

A hora do conto

1. Dinamiza a hora do conto?

Sim

2. Com que frequência dinamiza a hora do conto por semana?

2 a 3 vezes

3. A hora do conto é dinamizada sempre no mesmo dia e à mesma hora?

Sim, no horário estabelecido na rotina das crianças.

4. Considera pertinente existir uma rotina para a hora do conto? Justifique a sua resposta.

Sim, porque a rotina motiva as crianças para a leitura e abre os horizontes para a criatividade das crianças e por sua vez bem a originar bons escritores e leitores.

5. Costuma contar histórias às crianças sempre que eles pedem, ou tem um horário específico para isso?

Sempre que elas pedem e na hora do conto.

6. Em que local costuma dinamizar a hora do conto?

Na sala e na biblioteca da escola.

7. Que importância atribui à hora do conto na Educação Pré-Escolar?

É fundamental, para as crianças partilharem e enriquecer os seus conhecimentos, e dá a possibilidade à criança de participar ativamente.

8. Como costuma dinamizar a hora do conto? Em grande, pequeno grupo, individualmente?

A hora do conto é dinamizada em grande grupo.

9. Como considera ser mais vantajoso? Porquê?

Em grande grupo, porque as crianças conhecem as questões e respostas colocadas pelos colegas sobre o conto e torna-se um momento de partilha de informação.

10. A hora do conto é apreciada pelas crianças? Se sim, como o demonstram?

Sim, pelas emoções expressas pelas crianças e a atenção que revelam.

Recursos e estratégias na hora do conto

11. Quais são os recursos que utiliza para dinamizar a hora do conto?

Dramatização, livro e data-show.

12. Que estratégias costuma utilizar para dinamizar a hora do conto?

Música a acompanhar a história, alteração da voz, o suspense, a incorporar personagens.

13. Qual é o recurso que mais costuma utilizar?

Livro.

14. Qual é a estratégia que mais costuma utilizar?

O suspense.

15. Qual é o recurso que, a seu ver, é mais motivador?

O livro.

16. Qual é o recurso que considera causar maior impacto no desenvolvimento das crianças? E porquê?

A dramatização, por ser um recurso que é utilizado poucas vezes.

17. Quais são os constrangimentos à utilização dos recursos?

Acesso ao livro.

Seleção dos livros

18. Qual é o critério para escolher os livros?

Plano Nacional da Leitura e o tema do projeto a ser vivenciado.

19. Costuma deixar ao critério das crianças a escolha das histórias?

Sim.

20. Os alunos costumam trazer livros de casa para a biblioteca da escola?

Sim, a biblioteca vai e vem.

21. A opção do livro é muitas vezes condicionada pelo seu custo?

Não.

22. Considera que as medidas que o ministério tentou implementar para promover a literatura infantil estão a ter sucesso?

Sim.

Biblioteca escolar

23. Considera que a biblioteca da sala está adequada aos interesses das crianças? De que forma?

Sim, possui uma estante com bastantes livros, bem como sofás para as crianças se sentarem.

24. Costuma levar livros para a biblioteca? Porquê?

Sim, para as crianças terem contacto com outras obras.

25. Considera que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças? Porquê?

Sim, pelos temas e as ilustrações que possuem.

26. Gostaria de acrescentar alguma questão não mencionada durante a entrevista?

Não.

Anexo VIII: Inquérito por questionário

Inquérito por Questionário:

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, é nosso objetivo investigar as estratégias a utilizar na Educação Pré-Escolar, para promover a Hora do Conto. Deste modo, gostaríamos de realizar este inquérito por questionário aos educadores com grupo atribuído.

A sua opinião é deveras importante, e desde já agradecemos a disponibilidade. Garante-se a confidencialidade e o anonimato dos dados fornecidos.

Género:

- Masculino
- Feminino

Idade:

- Menos de 25 anos
- Entre 25 a 29 anos
- Entre 30 a 34 anos
- Entre 35 a 39 anos
- Entre 40 a 44 anos
- Entre 45 a 50 anos
- Mais de 50 anos

Tempo de serviço:

- Menos 5 anos
- Entre 5 a 10 anos
- Entre 10 a 20 anos
- Entre 20 a 30 anos
- Entre 30 a 40 anos
- Mais de 40 anos

A Hora do Conto

Dinamiza a hora do conto:

- Sim
- Não

Com que frequência dinamiza a Hora do Conto por semana:

- 1 vez
- 2 vezes
- 3 vezes
- 4 vezes
- Mais de 4 vezes

A Hora do Conto é dinamizada sempre no mesmo dia e à mesma hora?

- Sim
- Não

Considera pertinente existir uma rotina para a Hora do Conto:

- Sim
- Não

Costuma contar histórias às crianças:

- Sempre que elas pedem
- No horário da Hora do Conto
- Sempre que elas pedem e na Hora do Conto

Em que espaço dinamiza a Hora do Conto?

- Na sala
- Na biblioteca do estabelecimento
- No exterior
- Na sala e na biblioteca do estabelecimento
- Na sala, na biblioteca do estabelecimento e no exterior

Costuma contar histórias:

- Individualmente
- Em pequeno grupo
- Em grande grupo

A hora do conto é apreciada pelas crianças?

Sim

Não

Recursos e estratégias na Hora do Conto

Quais são os recursos que utiliza para dinamizar a Hora do Conto?

Livro

Fantoques

Flanelógrafo

Teatro

Utiliza outros recursos, para além dos apresentados anteriormente? Se sim, quais?

Que estratégias costuma utilizar para dinamizar a Hora do Conto?

Qual é o recurso que mais costuma utilizar?

Qual é a estratégia que mais costuma utilizar?

Qual é o recurso que, a seu ver, é mais motivador?

Considera que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças?

Sim

Não

Seleção dos livros

Que critérios utiliza para escolher os livros?

Costuma também deixar ao critério das crianças a escolha das histórias?

Sim

Não

As crianças costumam trazer livros de casa para a escola?

Sim

Não

A escolha do livro é muitas vezes condicionada pelo seu custo?

Sim

Não

Biblioteca da sala

Considera que a biblioteca da sua sala está adequada aos interesses das crianças?

Sim

Não

Costuma levar livros para a biblioteca?

Sim

Não

Considera que os livros que estão na biblioteca são do agrado das crianças?

Sim

Não

